Instituições Culturais

A Região das Missões
Volume 1

OMiCult
Observatório Missioneiro
de Atividades Criativas e Culturais

Instituições Culturais

A Região das Missões
Volume 1

editora conceito
Porto Alegre
1ª Edição
2015

© 2015 by OMiCult
INSTITUIÇÕES CULTURAIS, A REGIÃO DAS MISSÕES. VOL. 1

Instituições Culturais: a região das Missões. Vol. 01 é uma publicação do Observatório Missioneiro de Atividades Criativas e Culturais – OmiCult –, projeto do coletivo de professores da Universidade Federal do Pampa – São Borja, em conjunto com a Editora Conceito.

OMiCult - Universidade Federal do Pampa – Unipampa – campus São Borja.

Integrantes: Profª. Msc. Fernanda Sagrilo Andres, Prof. Dr. Joel Felipe Guindani, Profª. Dr.ª Marcela Guimarães e Silva e Prof. Dr. Tiago Costa Martins.

A capa do livro foi produzida por Alexia Antelo (discente do curso de Publicidade e Propaganda da Unipampa).

Acesse www.omicult.org e sabia mais sobre o Observatório.

IMPORTANTE:
Direitos reservados e protegidos. Todos os direitos de publicação reservados à Editora Conceito e ao Observatório Missioneiro de Atividades Criativas e Culturais. Não é permitida a reprodução total ou parcial deste volume, sob quaisquer meios (eletrônico, digital ou mecânico), sem autorização prévia da editora, por escrito. A infração está sujeita a punição, segundo a Lei nº. 9.610/98
Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº. 1.825, de 20/12/1907 e Leis N. 10.994, de 14/12/2004 e 12.192, de 14/01/2010

Impresso no Brasil
Primavera de 2015

M3865 Tiago Costa Martins et al. (org.).
Instituições Culturais, A Região das Missões. Porto Alegre: Conceito/ OMiCult, 2015
116p. 21cm

1. Instituições Culturais 2. Cultura
I. OMiCult (org)
II. Título.

CDD- 060 CDU- 008

ISBN: 978-85-89569-53-8

editora conceito Desde 1998

Av. Carlos Gomes, 141/1202 | Auxiliadora
Porto Alegre, RS | 90480-003 | (51) 3208-2485
www.editoraconceito.com.br
editoraconceito@yahoo.com.br

Sumário

Apresentação 7

Prefácio 10
Prof. Dr. Ronaldo B. Colvero

1. Centro de Cultura Missioneira: histórico e contexto social e acadêmico 15
Nadir Lurdes Damiani
Débora Doraiba Menezes Souto

2. CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO-LUIZENSE: um espaço consolidado de cultura 33
Sonia Bressan Vieira

3. O Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado em Santo Ângelo: uma Instituição Cultural da Região das Missões 61
Raquel Machado Rech

4. Estudo sobre a trajetória do Museu das Missões IBRAM/MinC .....
Diego Luiz Vivian 87

Apresentação

Quando se apresenta o termo observatório é imediata a associação aos observatórios astronômicos. Na atualidade, tal relação é perfeitamente cabível aos estudos das ciências sociais aplicadas, compreendendo-se observatório como implicado no contexto social e entendido como uma estrutura de acompanhamento, monitoramento e reflexão da realidade social.

Criados por determinada entidade ou pela reunião de várias, os observatórios procuram acompanhar, dentro de um determinado tempo e espaço, um fenômeno, um domínio ou um tema estratégico. Pode-se dizer que o observatório é uma tecnologia social de gestão da informação e do conhecimento que contempla as atividades de ensino, pesquisa e extensão dentro de um contexto que vai além do cenário acadêmico.

Assim, o Observatório Missioneiro de Atividades Criativas e Culturais (OMiCult) nasce de um coletivo de professores e alunos da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Campus São Borja, curso de Relações Públicas – ênfase em Produção Cultural, que por meio de diversas ações e projetos de ensino, pesquisa e extensão visam a articular percepções teóricas e práticas, considerando a realidade local e regional.

A visão estratégica do OMiCult é ser uma instância de produção e difusão de pesquisas e informações sobre as ati-

vidades criativas locais e regionais, pautada pela indissociável relação entre ensino, pesquisa e extensão, sendo um agente de intervenção social de modelo extensionista, baseado nas reflexões estabelecidas. Algumas das principais atribuições são: organizar, difundir e fomentar estudos e pesquisas locais e regionais sobre as atividades criativas e culturais; mapear as diversas dimensões das atividades criativas e culturais; propor políticas públicas para os diversos setores criativos e culturais (locais e regionais); realizar atividades extensionistas de treinamento e capacitação em práticas criativas nos diversos setores criativos e culturais; difundir a produção intelectual e as demais atividades do setor por meio das mídias sociais.

Neste conjunto de propostas é que se enquadra a publicação deste livro, intitulado "Instituições Culturais: região das Missões". O tema instituições culturais é visto como central no campo da produção cultural. Sabe-se que as instituições são responsáveis pela normatização, regulação e consolidação dos significados e das práticas culturais; porém, na atualidade, tais instituições também são responsáveis por mediar e organizar processos estabelecidos na produção da cultura.

Por esse motivo o OMiCult criou este projeto editorial, tendo como principal objetivo difundir a história e o contexto social de criação ou estabelecimento das principais instituições culturais na região das Missões no Rio Grande do Sul. Através de textos pontuais para cada instituição cultural, cada volume pretende apresentar um conjunto de instituições, através de capítulos apresentados por pesquisadores convidados. Desta forma, o projeto busca difundir e reco-

nhecer essas instituições no seu contributo único e fundamental à produção cultural local e regional.

Espera-se que este volume seja o primeiro de muitos em prol do reconhecimento das instituições culturais das Missões.

Boa leitura!

Os organizadores.

Prefácio

Escrever, em certos momentos, pode ser uma tarefa árdua; porém, quando se recebe um convite de pessoas comprometidas com a produção acadêmica, torna-se um prazer; e ao ser convidado para prefaciar uma obra que faz parte de um projeto de pesquisa que envolveu professores, alunos e comunidade de uma região, torna-se um privilégio.

Os autores(as) destes quatro textos proporcionam ao leitor processos de reflexão sobre a cultura, produção cultural, patrimônio, memória e identidade, com uma escrita objetiva, clara e interdisciplinar, sem perder o foco de seus objetos de estudo. Mais que apenas recortes, são textos que abordam as mais variadas perspectivas teóricas e metodológicas, que nos leva a viajar por estes espaços de memória.

O primeiro texto, "Centro de Cultura Missioneira: histórico e contexto social e acadêmico", de Nadir Lurdes Damiani e Débora Doraiba Menezes Souto, trata da importância do Centro de Cultura Missioneira, dada sua relevância pelo diversificado e amplo acervo que possui. Situado junto à biblioteca da URI - Santo Ângelo o CCM é espaço de desenvolvimento de projetos acadêmicos, pesquisa e extensão.

Como citam as autoras, a instituição CCM torna-se agente do processo de historiografia, ressaltando a integração com a comunidade acadêmica e sua proximidade ao próprio "lugar" missioneiro, tema único de seu acervo, o que possibilita

o trânsito do interessado entre os espaços de memória, da academia e da cultura local. Assim sendo, transforma-se através do seu trabalho em um difusor da cultura missioneira. O texto é um convite a conhecer este espaço único; de forma clara, expõe um retrato da instituição e de como se dispõem as obras.

A produção acadêmica da história é facilitada pelo lugar de inserção do Centro, na própria região missioneira e próximo às ruínas das Missões. Como existe a aproximação do pesquisador ao seu objeto de estudo, facilita-se a visualização do passado histórico e da cultura dos povos que passaram pela região das missões e a construção social que perpassa por eles. É a partir dessas pesquisas que se possibilita a reconstrução da história e da identidade, tanto dos povos que por ali passaram quanto dos que permanecem, a partir das inúmeras influências nativas e europeias que construíram o passado e o presente missioneiros.

Dessa forma, muito além de nos possibilitar a visualização do passado missioneiro, o Centro de Cultura Missioneira constrói a história com seus 30 anos de pesquisas, que possibilitam uma reinterpretação do que já foi descoberto e do que ainda será.

O segundo texto, "Centro de Criatividade Sãoluizense: um espaço consolidado de cultura", de Sonia Bressan Vieira, nos permite entender sobre a criação do Centro de Criatividade Sãoluizense e seu papel na sociedade. A autora aborda os conceitos de historicidade e identidade cultural, que auxiliam a compreender a importância desta instituição que, como se entende pelo texto, surgiu de forma natural como resposta ao anseio de congregar os artistas locais e dar-lhes maior visibilidade.

Conta-nos que de sua criação o CCS tinha metas de realização de eventos, feiras de artesanato e artes. Passados trinta anos consolidou-se pelo trabalho prestado em prol da cultura local e regional, construindo assim uma base sólida para que os artistas de todas as áreas pudessem desenvolver seus trabalhos e resguardar a identidade da região, que muitas vezes é incerta ou esquecida. Através da arte o Centro nos permite entender toda a sociedade de São Luiz e das Missões nas mais variadas épocas. É o social que está presente e é representado em e por todos os artistas.

O trabalho nos permite enxergar a importância do lugar, pois nos faz entender o entrelaçar da arte com a história da sociedade sãoluizense. Construir e buscar a história é entender a identidade de um povo, que apesar de estar sempre sendo consolidada, também está em constante mutação.

O terceiro texto, de Raquel Machado Rech, intitulado "O Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado em Santo Ângelo: uma instituição cultural da região das Missões" permite ao leitor conhecer as atividades do Núcleo de Arqueologia Dr. José Olavo Machado, principalmente no que se refere ao monitoramento arqueológico das obras de modificação da Praça Pinheiro Machado. A autora nos conta que a partir da necessidade de monitorar e salvaguardar o material arqueológico encontrado durante o período de obras na praça, criou-se de maneira informal uma unidade interna do Museu Municipal.

O Núcleo de Arqueologia, dentre suas atividades, destaca também a manutenção do museu a céu aberto da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio, organização de exposições e atividades de educação patrimonial que contribui

de diversas formas para a conservação da memória cultural. Através do resgate dessas ruínas foi possível criar um local de encontro entre diversas etapas históricas, sendo o maior exemplo a descoberta de que no mesmo local já existiram três igrejas em diferentes épocas. Podemos observar ainda a cultura dos diversos povos que já habitaram a região, em um mesmo ponto, atentando para as mudanças provocadas pelos homens através dos tempos.

O trabalho do Núcleo procura ir além da recuperação do patrimônio histórico e cultural e monitoramento arqueológico do centro histórico do município, busca disseminar o conhecimento sobre a história da cidade entre seus habitantes, promovendo oficinas e exposições sobre o trabalho realizado e sobre o conhecimento resgatado dessas ruínas. Assim, é possível levar a todos um pouco de sua própria história e identidade, compartilhando conhecimentos.

O quarto e último texto, de autoria de Diego Luiz Vivian, denominado "Estudo sobre a trajetória do Museu das Missões IBRAM/MinC", permite ao leitor saber sobre a criação do Museu das Missões, constituído por decreto do então presidente Getúlio Vargas em 1940, sendo o primeiro museu no mundo dedicado especialmente ao tema "Missões". O texto explica que a origem do Museu foi dada através dos trabalhos do arquiteto Lucio Costa, e também traz apresentações de documentos produzidos pelo arquiteto e que subsidiaram a criação do museu, servindo este de abrigo aos fragmentos remanescentes dos Sete Povos das Missões, sem intuito de recriar o cenário jesuítico, mas sim de tornar visível o que restou do passado, como cita o autor.

Foi o Museu das Missões que abriu caminho para outros museus buscarem essa maneira de aproximação de seu objeto de conhecimento com seu local original. Dessa forma tornou-se importante para a história do país não apenas pela sua temática - as Missões - mas também pela maneira como faz o resgate e consolidação da história de um povo e de uma região.

Estes quatro textos nos permite perceber que os autores(as) possuem um amplo conhecimento das temáticas abordadas, pois não se descuidaram da suas escritas, possibilitando assim ao leitor uma leitura agradável e de fácil entendimento. Mais do que apresentar a história de cada instituição, os textos mostram a própria constituição da cultura regional a partir da atuação dessas instituições. Portanto, a leitura desta obra torna-se fundamental para quem estuda a história, a cultura e a dinâmica social da região das Missões.

Dezembro de 2014
Prof. Dr. Ronaldo B. Colvero

Capítulo 1

Centro de Cultura Missioneira: histórico e contexto social e acadêmico

Nadir Lurdes Damiani
Débora Doraiba Menezes Souto

Capítulo 1

Centro de Cultura Missioneira: histórico e contexto social e acadêmico

Nadir Lurdes Damiani[1]
Débora Doraiba Menezes Souto[2]

Falar em cultura missioneira é um exercício de relembrança de costumes e histórias de temáticas diversificadas, expressas através de episódios ocorridos na região desde antes de sua colonização inicial e protagonizados por personagens frequentemente muito distintos entre si. Dentre os assuntos próprios das Missões, há: padres mártires; nativos Charrua, Minuano, Caingangue e Guarani; folclore indígena; bandeirantes e charqueadas; padres jesuítas, reduções e reli-

[1] Professora do Departamento de Ciências Humanas da URI e funcionaria técnica, responsável pelo CCM- Campus- Santo Ângelo, mestre em Estudos Históricos Íbero- Americanos pela UNISINOS; Graduação em licenciatura em Estudos Sociais pela FUNDAMES; Graduada em licenciatura em História pela URI; Curso técnico profissionalizante, guia de turismo categoria America do Sul, pela URI. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil e Rio Grande do Sul, atuando principalmente nos seguintes temas: História das Reduções Jesuíticas Guarani, Brasil Contemporâneo, Educação Patrimonial e Museus, História e Ensino de História, Cultura Afro e Cultura Indígena e Metodologias Cientifica e da Pesquisa.
[2] Graduada em História pela URI- Campus- Santo Ângelo.

gião; portugueses e espanhóis; tratados reais de divisão de território; guerra guaranítica; o mito de Sepé Tiaraju; revolução farroupilha; imigração europeia e asiática; tráfico negreiro e escravidão; revolução federalista; coronéis, políticos; coluna Prestes; e nativismo gaúcho.

A criação do Centro de Cultura Missioneira está estreitamente ligada ao reconhecimento das Ruínas de São Miguel Arcanjo como Patrimônio Histórico da Humanidade pela UNESCO, em 1983. Ante o renovado interesse nacional e internacional na história e cultura da região, elabora-se no campus das "Faculdades Integradas de Santo Ângelo" um centro de estudos específico para trabalhar com assuntos relacionados a esse patrimônio. Os principais idealizadores do CCM foram os Profs. Marcos Vinícios de Almeida Saul[3] e Valmir Francisco Muraro[4], com o apoio do presidente do conselho diretor da FUNDAMES (que se tornou FURI, fundação mantenedora da URI, esta que, por sua vez, foi reconhecida como universidade pelo Ministério da Educação através da Portaria n° 708, de 19 de maio de 1992), à época o Prof. Clowis Apollo Mitri. Outros idealizadores da fundação do CCM foram a Profª. Nadir Lurdes Damiani[5] e a Profª. Mara Regina Rösler[6]. Alguns colaboradores iniciais foram a acadê-

[3] Mestre em História pela UFSC. Ex-coordenador do CCM. Atualmente, participa do Laboratório de História Oral da UFSC.

[4] Doutor em História Social pela USP. Atualmente, é coordenador do Laboratório de Estudos das Religiões, Ordens e Congregações da UFSC.

[5] Mestre em Estudos Históricos ibero-americanos pela UNISINOS. Atualmente, é professora da URI e coordenadora do CCM.

[6] (*in memoriam*)Mestre em Linguística e Letras pela PUCRS. Foi colaboradora da Universidade Camilo Castelo Branco.

mica Beatriz da Silva Pinto[7] e os professores Liane Maria Nagel[8], Claudete Boff[9] e Celso Henrique Acker[10].

Já com essa equipe, o CCM foi oficialmente instituído em 06 de junho de 1984, através da resolução 04/84 do Conselho Diretor da FUNDAMES. A fundação do departamento permitiu que em dezembro de 1984 fosse celebrada uma parceria entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e o CCM, que previa um plano de pesquisas sobre os Guarani para o CCM, dentro da iniciativa chamada de "Programa Missões", da "Fundação Nacional Pró-Memória". Contratou-se o renomado especialista em cultura Guarani Pe. Dr. Bartomeu Melià[11] para orientar o trabalho. Foi também nesse período que houve a montagem do acervo inicial do CCM, obtido principalmente pelos professores Marcos Vinícios, Valmir e pelo escritor jesuíta, que possuía ampla rede de contatos significativos. Acervos particulares e sebos de toda a América Latina e mesmo europeus foram sondados e aproveitados pelos pesquisadores.

Salienta-se, ainda, que o CCM não é somente um perene arquivo, acervo ou biblioteca, mas, em certas ocasiões, agente do processo de historiografia. Já foram feitas pesquisas arqueológicas; projetos acadêmicos de pesquisa e exten-

[7] Bacharel em Direito pela IESA e licenciada em Letras pela URI.

[8] Doutora em História pela UFRGS, professora da URI entre 1987 e 1995. Atualmente, é coordenadora do Laboratório de História Oral da UFSC.

[9] Mestre em História pela UNISINOS. Atualmente, é professora da URI.

[10] Mestre em história pela UFRGS. Ator de teatro. Atualmente, é professor da Universidade Federal do Tocantins.

[11] Jesuíta espanhol, antropólogo e doutor em Ciências Religiosas pela Universidade de Estrasburgo; autor de vasta bibliografia sobre temas relacionados aos Guarani. Continua a desempenhar as atividades de conferencista, escritor e pesquisador; e a promover a língua Guarani.

são; e trabalhos em conjunto com o IPHAN sobre os assuntos de especialidade do CCM.

Um levantamento do departamento, aparentemente de 2014, informa que o acervo do CCM possui em torno de: 533 monografias, algumas dissertações de mestrado. No acervo bibliográfico há 1680 Títulos, num total de 2579 exemplares. Há, ainda, revistas, e vídeos (filmes ou documentários) em fitas ou DVDs. O CCM também contribui frequentemente com o laboratório de História Oral da biblioteca com entrevistas e fotos. Há, ainda, um acervo iconográfico: o CCM abriga diversos objetos e fragmentos encontrados nas escavações arqueológicas feitas em toda a região missioneira. O CCM, que soma mais de três décadas de desenvolvimento e transformações, já teve por setores bem definidos: biblioteca setorial; sala para exposições de artes, auditório, Núcleo de Documentação Histórica da URI (NUDH), Núcleo de Arqueologia (NARC) e Laboratório de História Oral. Nos últimos anos, no entanto, algumas alterações inquestionavelmente negativas atingiram o CCM. Tradicionalmente, o CCM esteve situado em instalações adequadas no Prédio 4 do Campus Santo Ângelo, entre dependências dos cursos de Licenciatura em História, para o qual, hoje, dificilmente autoriza-se a criação de turmas; e do já extinto curso de Geografia, que também trabalhava certos temas missioneiros. Essa ainda é a localização internacionalmente associada a um dos melhores e mais completos acervos mundiais e centros de pesquisa sobre o tema universal das missões jesuíticas.

O acesso normal ao acervo bibliográfico do CCM vem sendo permitido em qualquer horário de funcionamento da biblioteca, através dos monitores e sujeito a consulta prévia

dos exemplares desejados nos sistemas informatizados da universidade. O empréstimo é permitido aos associados da biblioteca da URI (alunos e membros da comunidade, estes sujeitos a uma taxa), seguindo os padrões normais da biblioteca: há exemplares com disponibilidade normal, e exemplares somente para consulta local. Também é no atendimento geral da biblioteca que ficam registrados os empréstimos dos títulos.

Assim, o trabalho está caracterizado como um "retrato" do CCM. Procuraram-se expor suas dimensões de acervo, de agente da história e de difusor de cultura através da descrição de suas características; especificidades; trabalhos; conteúdo; e do processo de sua criação.

Tal qual a história oral e as obras acadêmicas, o CCM é uma fonte rica de memória e cultura das Missões. Essa função se expressa através de seu acervo, pesquisas e realizações; caracterizando o setor como ferramenta importante para potenciais explorações de novas facetas de identidades e memória cultural regionais. A memória cria, ou desenvolve a identidade cultural da região, tarefa complexa e muito difícil de ser trabalhada de forma objetiva:

> só ao peso de um esforço intenso, de uma etnografia dos processos sócio-culturais em jogo na constituição de instituições da esfera da cultura, bem como de seus quadros, valores, modos de funcionamento, práticas privilegiadas etc., será possível ultrapassar um conjunto de estereótipos e importações inadequadas. (GONÇALVES,1995, p.38)

Dentro da universidade, e trabalhando de forma integrada com o curso de História, o mero acervo torna-se um espaço acadêmico privilegiado, atendendo às exigências para

a produção qualificada de memória, cultura e história, esta que é também, sempre, "o produto de um lugar", segundo Michel de Certeau (1976, p.23).

Atualmente o CCM está localizado no prédio da biblioteca central da URI- Campus-Santo Ângelo, formado por um acervo, bibliográfico(livros, revistas, jornais, documentos escritos), coleções de fotografias, micro-filmes, fragmentos arqueológicos, entre outros. constituindo-se numa biblioteca setorial; coleção de objetos históricos; e grupos de estudos e pesquisas: combina, portanto, história, monumentos, documentos e academia.

A diferenciação do acervo geral da biblioteca permite dispensar tratamento separado ao CCM – tal como outras bibliotecas setoriais da URI, o setor já foi em prédio diverso, e sua nova localização não implica subordinação setorial à biblioteca. Sua dedicação exclusiva à região das Missões do Rio Grande do Sul e temas relacionados o torna um local privilegiado e único. O historiador interessado poderá facilmente conhecer o *lugar* missioneiro, partindo deste, ou não, a visão adotada em sua abordagem. Para Michel de Certeau, este contexto da historiografia, ou produção textual (*Faire de l'histoire*, no original), sempre será marcante na história coesa e eficiente:

> De qualquer forma, a pesquisa encontra-se circunscrita pelo lugar que define uma conexão do possível e do impossível. Considerando-a somente como um "dizer", reintroduz-se na história a *lenda*[grifo do autor], ou seja, a substituição de um não-lugar, ou de um lugar imaginário, pela articulação do discurso sobre um lugar social. Pelo contrário, a história se define inteiramente por uma *relação da linguagem com o corpo*[grifo do autor] (social) e, então, também por sua relação com os limites colocados pelo corpo, seja sob a forma do

> lugar particular de onde se fala, seja sob a forma do objeto distinto (passado, morte) do qual se fala. (1976, p. 25)

O contexto sociocultural do historiador e o da produção textual devem ser levados em conta pelo interlocutor, pois, tal qual seu próprio contexto determina sua compreensão da obra, aqueles determinam características da fonte.

Cabe ao historiador, portanto, o trabalho de compreender as peculiaridades locais para interpretá-las e escrever sobre elas fora do contexto local, ou seja, numa produção científica e potencialmente global, sem que se perca sua essência.

O CCM é um *lugar* próprio para a produção profissional de história, notadamente próximo do *lugar* missioneiro, inseparavelmente integrado ao contexto universitário e por este respaldado. A produção de obras científicas; a filmagem de documentários; a organização de eventos acadêmicos; e a realização de escavações arqueológicas são algumas das atividades com as quais o CCM já colaborou anteriormente, mostrando sua aptidão como difusor da cultura missioneira e fonte confiável de história, tanto em termos de cientificidade como de quantidade de informações. Em seu acervo, o CCM mantém ainda respeitáveis obras produzidas por autores de contextos ou lugares de produção histórica diferentes do missioneiro. Através dessa diversidade de autores (e, portanto, origens) em seu acervo, o CCM se constitui em um amplo espelho da cultura missioneira, pois cada autor mostrará visões diferentes sobre temas semelhantes:

> [...] o historiador não é um investigador da verdade do passado, mas um intérprete do passado; condicionado pelas suas opiniões políticas, pela sua condição social, pelos valores da sociedade em que vive. Ele está inserido em um contexto com o qual inter-relaciona[sic].

> Neste caso, a intencionalidade do pesquisador entra na definição do tema, na definição do problema levantado, na seleção das fontes, na escolha do método e das técnicas responsáveis pela cientificidade do trabalho. Parafraseando Marc Bloch, "a história é filha de seu tempo" e, assim, a objetividade histórica se constrói pouco a pouco, através de revisões incessantes da produção historiográfica e do agir ético do historiador perante suas fontes e objeto de estudo. (ABRÃO, 2007, p.10)

Há autores de variados *lugares* geográficos, acadêmicos e temporais no acervo do CCM. Há textos e material de séculos de história. A história tradicional, acadêmica ou produzida a mando de algum governo, monárquico, republicano ou de ente federativo (podendo os governos ser, de diferentes ideologias), está presente no acervo tal qual estão outras categorias de produção textual, ou cultural, que podem ser fontes de história.

Um mero olhar estatístico sobre o acervo do CCM permite perceber que a historiografia missioneira é uma preocupação antiga. A história missioneira mais antiga vem de fontes indígenas, europeias, coloniais, bandeirantes, jesuítas. Há nela grande diversidade, e mesmo antagonismo, de valores. Quais documentos históricos são analisados e preservados pelos historiadores contemporâneos? Quais documentos são preservados por interesse político-ideológico? Cada documento antigo teve um autor com um conjunto diferente de objetivos, e cada documento presente na historiografia atual faz parte de um conjunto de ideias que o historiador quer mostrar em suas obras:

> O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de

> forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 1996, p. 545)

O CCM busca ser um acervo de toda a história missioneira e do Rio Grande do sul já elaborada, constituindo-se em fonte ideal de pesquisa, buscando ao máximo ser completo, um contraponto aos processos seletivos de desenvolvimento histórico que Le Goff relata:

> A memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os *documentos* e os *monumentos*. De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. (LE GOFF, 1996, p. 535)

A imersão do CCM no contexto missioneiro, e sua multiplicidade de obras, valores e visões sobre as Missões e tantos assuntos a elas relacionados, facilitam a atividade do historiador, que deverá analisar todos os documentos possíveis. Portanto, o CCM se localiza em um "lugar" histórico repleto de "monumentos".

No CCM, podem-se consultar tanto obras contemporâneas quanto documentos-monumentos. A inserção do CCM nas missões aproxima o pesquisador ainda dos já citados legados culturais, de monumentos históricos e até mesmo de patrimônio.

A proximidade do CCM dos Sete Povos das Missões o privilegia também quando considerado o aspecto que as "ru-

ínas" têm de "ecomuseus": museus "onde os acervos permanecem em seus habitats naturais, procurando manter inteligíveis as relações originais... (LEMOS, 1981, p.12)." Ao contrário dos museus tradicionais, nos quais os objetos estão dissociados do seu meio natural, esses museus privilegiam o estudo das "relações necessárias que existem entre o meio ambiente, o saber e o artefato; entre o artefato e o homem; entre o homem e a natureza (ibid., p.11)". O acervo do CCM é um subsídio facilmente acessível e capaz de facilitar a análise dos "ecomuseus" missioneiros.

Assim, fica estabelecida a materialidade que o CCM representa como fonte de história, acompanhando o entendimento já exposto de Abrão(op. cit.). A análise dessas fontes empíricas é uma atividade que se contextualiza através do valor e atenção dedicados pelo CCM à história missioneira e riograndense. Com as fontes mencionadas e com seu acervo, o CCM pode embasar ambas a pesquisa documental e a dissertação teórica sobre história:

> Os meios de uma pesquisa histórica são os materiais documentadas[sic] e a atividade intelectual (problemática, crítica...) que os pesquisa, reconhece e explora, torna úteis... de resto, os dois imbricados de forma indissolúvel e contínua. (MONIOT, 1976, p.101)

Além do embasamento para a produção de *história*, o CCM pode facilmente ser visto como um repositório de *memória* da região. Nesse sentido, o CCM combina o ambiente acadêmico com aspectos de museu de antropologia e arqueologia. O CCM já foi integrante de trabalhos na área de arqueologia, conta com artefatos arqueológicos e está ligado, des-

de sua formação, à preservação e estudo da cultura missioneira.

Através do estabelecimento desses acervos iniciais, com o fim expresso de contribuir com o projeto "Programa Missões", serviu também para o estabelecimento da biblioteca setorial, e possibilitou ao CCM estabelecer seus objetivos e começar a desempenhar praticamente todas as suas funções. O acervo é um grande subsídio à produção acadêmica: suas contribuições nesse sentido vão muito além do primeiro grande trabalho do CCM, "O Guarani: uma bibliografia etnológica".

Com o passar dos anos, outros elementos foram incorporados ao acervo: mais material de pesquisa; anais de eventos realizados; monografias; vídeos; reportagens sobre exposições e eventos acadêmicos do CCM; e material arqueológico.

Desde sua fundação, em 1984, o CCM promove eventos, tanto culturais quanto de caráter acadêmico. O significado e importância do acervo e do histórico do departamento sempre permitiram a promoção de eventos que tinham este centro por referência. Citam-se alguns dos congressos, eventos, publicações e projetos realizados, e atividades em geral:

- Realização da "I Jornada Regional de Cultura Missioneira", de 18 a 21 de julho.

-Realizou-se o "I CONCURSO ESTADUAL DE MONOGRAFIAS MISSIONEIRAS", com o tema "São Miguel: Patrimônio da Humanidade".

- Integração do CCM ao "Programa Missões" da Fundação Nacional Pró-Memória. Contratação do jesuíta Bartomeu Melià para assessorar o trabalho. A partir deste projeto publica-se "O Guarani: uma bibliografia etnológica" e, pos-

teriormente, realiza-se um trabalho de microfilmagem da bibliografia na qual constem elementos de iconografia Guarani. Este segundo trabalho foi realizado na Biblioteca Pública Municipal "Mário de Andrade" em São Paulo; e na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

- Inicia-se um trabalho de formação de professores de História (à época, Estudos Sociais) qualificados para o ensino de História das Missões, assunto que passa a ser ministrado em escolas de Ensino Fundamental da região.

- Encontro com Luís Carlos Prestes e com ex-combatentes da Coluna Prestes. O material, incluindo entrevistas, guardado pelo CCM seria a principal fonte para a pesquisa na USP que resultaria no livro "O Retorno de Luiz Carlos Prestes a Santo Ângelo", em 2002. O Laboratório de História Oral do CCM, juntamente com a obra, foram tema de documentários das TVs Globonews e RBS Comunidade em 2004, ano do 80° aniversário da Coluna Prestes e 20° do CCM.

- Realização das conferências.

- Assessoria nos eventos.

- Participação de pesquisadores do CCM nos eventos: "Primeras Jornadas Internacionales sobre las Misiones Jesuiticas", "I Encontro de Microistória".

- Publicações: "Anais da I Jornada Regional de Cultura Missioneira", "II Encontro de Microistória", "VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros", organização e coordenação do evento "Canto da Terra Guarani - 1º Simpósio Internacional de Estudos Guaranis.

- Publicação do livro "O Guarani: uma bibliografia etnológica".

- Participação no projeto "Missões: 300 anos", do Ministério da Cultura/SPHAN/Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

- Participação do CCM na organização e coordenação do evento "I Encontro de Educadores e Museólogos da Região Missioneira".

- Primeiras escavações realizadas através do Narc, criado pela portaria nº 19/88 da FURI.

- Publicação dos livros "Missões: uma história de 300 anos", e "Vamos conhecer Santo Ângelo – nosso município", 2ª ed (1ª de 1986), de Liane Maria Verri (NAGEL, Liane Maria).

- Realização da exposição "Missões: Uma Proposta Educativa".

- Realização da exposição "Arte Indígena", projeto "Santo Ângelo História e Memória".

- Publicação do livro "Guaraníes y Jesuitas en Tiempo de las Misiones: Una Bibliografia Didatica", resultante do projeto iniciado em 1994.

- Produção de vídeo didático sobre as reduções jesuítico-guarani (bilíngüe: português/ inglês).

- Início dos "Ciclo de Palestras Revisão Histórica do Rio Grande do Sul", que trabalharam temas como: ocupação europeia no Rio Grande do Sul.

- Publicação dos livros "Turismo e Cultura v.1: a história e os atrativos regionais" e "Turismo e Cultura v.2: história regional".

- Publicação do livro "O Retorno de Luiz Carlos Prestes a Santo Ângelo".

- 80 anos da Coluna Prestes. Participação em documentários das TVs "Globonews" e "RBS Comunidade.

Estão disponíveis no CCM maiores informações sobre quaisquer dos eventos citados. Devido a restrições de tempo impostas pelo formato deste trabalho, não foi possível buscar informações sobre eventos anteriores a 2005 (certamente tema para outra monografia) ou sobre muitos outros eventos não citados na lista anterior, especialmente escavações arqueológicas, palestras e exposições de arte.

A importância da temática histórica para a região missioneira se faz ver também através das publicações do CCM. A produção bibliográfica do departamento inclui cinco das sete obras publicadas pela EDIURI, editora da universidade, conforme consultou-se em http://www.urisan.tche.br/ediuri.php . De fato, as outras duas obras listadas, cuja publicação não envolveu o CCM, não são livros, mas revistas. A situação demonstra, certamente, uma tendência a este tipo de produção científica. Neste texto, busca-se demonstrar a capacidade do CCM de subsidiar esta produção. Para esse fim, citar-se-ão as referências bibliográficas utilizadas em duas das obras publicadas, ligando-as ao acervo do departamento ou da universidade.

O CCM, entidade que já passou por diversas transformações em sua estruturação em seus trinta anos de história, é um marco da cultura regional. Por sua associação ao sítio arqueológico dos remanescentes da redução jesuítico-guarani de São Miguel das Missões, o CCM conseguia ser um expoente cultural nacional, o que ocorria em um tempo de muitas discussões de políticas culturais: falava-se em um novo país, pós-ditadura, com a cultura valorizada (COELHO NETO, 1986).

Durante todo o espaço de tempo desde então, o CCM vem realizando atividades em áreas afins à pesquisa dos remanescentes das reduções jesuítico-guarani dos Sete Povos das Missões e Rio Grande do Sul. O departamento conseguiu construir um grande acervo acadêmico sobre o tema, contendo livros, arte, peças arqueológicas, monografias, e fontes de vídeo ou orais. Constituindo-se assim, em uma casa de cultura especializada naquele tema.

Como casa de cultura que era, entretanto, o CCM, que tinha como colaboradores pesquisadores, professores e acadêmicos, passou à atender a outras "necessidades culturais" das comunidades das quais participava .Mesmo assim o CCM não deixou de ter o potencial para fazer o trabalho de casa de cultura que realizava outrora.

Referências Bibliográficas

ABRÃO, Janete. **Pesquisa & História**. Coleção História - 51. 68 p. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A operação histórica.* In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (orgs.). **História: novos problemas**. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1976.

COELHO NETO, José Teixeira. **Usos da cultura: políticas de ação cultural**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Educação e Comunicação, v. 16)

_____. **Dicionário Crítico de Política Cultural: Cultura e Imaginário**. 2ª ed. São Paulo: FAPESP/Iluminuras, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão et. al. 4ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo : Brasiliense, 1981. 115 p.

MONIOT, Henri. *A história dos povos sem história*. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (orgs.). **História: novos problemas.** Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1976.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Missões, um espaço no tempo: paisagens da memória*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy & MEIRA, Ana Lúcia Goelzer (orgs.). **Fronteiras do mundo ibérico: patrimônio, território e memória das Missões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

SOUTO, Débora Doraiba Menezes. **Histórico e contextos social e acadêmico do centro de Cultura Missioneira da URI- campus- Santo Ângelo (CCM)**. Santo Ângelo: URI, 2012.(Trabalho de conclusão de curso não publicado).

Capítulo 2

CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO-LUIZENSE: um espaço consolidado de cultura

Sonia Bressan Vieira

Capítulo 2

CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO-LUIZENSE: um espaço consolidado de cultura

Sonia Bressan Vieira[1]

1. Introdução

O ato de escrever sobre a criação do Centro de Criatividade São-luizense (CCS) é uma ideia que nos instiga e fascina. A história, por si só é uma arte literária. E, a história de uma entidade que congrega "operários da arte" torna o tecido textual ainda mais lógico e as figuras de linguagem passeiam a nossa frente como se quisessem dizer como os artifícios linguísticos são inoperantes e insuficientes na escrita dessa história que representa um passado não muito distante, de pouco mais de três décadas, mas que é carregado de um invó-

[1] Doutora em História pela PUC/RS. Professora da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões-URI-São Luiz Gonzaga. Email-soniabressanvieira@gmail.com.

lucro de mensagens que refletem um pensar, um dizer verbal e gestual e sobretudo sobre um "fazer" genial, cheio de mistérios, transformadores da rotina, da prática rica e original cotidiana e do imaginário do artista são-luizense/missioneiro, em uma história que merece ser escrita e reescrita.

No labirinto da memória, dizem os intelectuais, não é possível a memória individual sem elementos da sociedade onde o indivíduo atua; só assim as imagens do presente fundem-se com as do passado. Daí parecer que falar do Centro de Criatividade São-luizense é falar da história da cidade dos anos 80, é falar de Mostra da Arte Missioneira, é falar de arte como combate, é falar da história como narração de uma tradição de arte de nosso povo, porque o tempo é mescla, é mistura. O passado dessa entidade está misturado com o presente e assim, entre o seu passado e seu presente, podemos construir o seu futuro.

O objetivo não é buscar ou firmar a identidade de algo que já é por si só, mas buscar uma forma de relatar uma visão do como esta entidade nasceu, cresceu e se firmou; pinçar fragmentos de um enredo tecido na rede de encantos e desencantos que nos remete, contraditoriamente, para imagens do real e do simbólico, reveladora de enfrentamentos e alianças, por vezes apaixonante, por vezes desoladoras, mas sempre repleta de atores que, revezando-se numa solidariedade incontida, não permitiram seu desenlaço, fazendo uma visão de sonho criar formas, utilizando luzes insólitas para clarear o caminho que apresentava todos os aléns do imaginário.

A pesquisa compreendeu a coleta de dados, realizada na Casa Arte Nossa que congrega a sede do CCS, tendo como fontes, o estatuto de 1984 e o de 2011, os livros de atas, relatórios de gestões, textos, apresentações, material fotográfico, programações e folders de exposições e eventos, bem como o cadastro de associados. Após buscamos elencar, de forma detalhada e minuciosa, os dados disponíveis, aos quais aliamos a memória pessoal e coletiva. E, finalmente, nos debruçamos sobre o texto e análise de seus resultados alicerçados nos princípios inerentes ao pesquisador - neutralidade, objetividade e clareza.

Abordar o surgimento do Centro de Criatividade, justifica-se pelo fato de que fez-se mister: viajar pelos diversos ângulos da rede artístico-social que caracteriza nossa cidade e refletir sobre aspectos como a dinâmica interna e os mistérios que abrigam a relação tinta & aquarela & pincel; refletir sobre as mãos habilidosas dos nossos artistas plásticos e artesãos que tramam os fios do tecido que compõe o dia-a-dia da grande tapeçaria de suas vidas. E, por fim, descortinar, a tênue e fina camada que separa as notas das partituras das vozes vibrantes de nossos cantores e, por extensão, de nossos escritores e atores sutis.

Mas, quando acreditamos no que pensamos, o texto se monta e se estrutura numa prática vivenciada e lida com o fascínio daquilo que mexe conosco, aquilo com o que estabelecemos relações, criamos conceitos e recriamos ações que exteriorizam nosso pensamento.

2. A arte & cultura sob o abrigo da teoria

Ao se escrever sobre a formação histórica de uma instituição, urge elucidar o que seja o conceito de Historicidade. Existe uma frase desgastada pelo uso, que afirma que os que não conhecem sua história estão fadados a repeti-la. A filósofa húngara Agnes Haller afirma que *"nós somos historicidade; somos tempo e espaço"*. Daí a importância de buscar escrever sobre a origem dessa instituição cultural que marca a história de nossa cidade.

Este texto deixa-nos, por horizonte, a ideia de que o artista se debruça sobre o mundo para discuti-lo e reconhece neste as características constitutivas das relações que devem ser desvendadas em sua obra. A concepção de mundo do artista não limita a sua capacidade criadora:

> O artista parece guiado por uma mão "invisível", de tal modo que produz em sua obra algo diverso daquilo que se propunha em produzir; é arrastado pela força da objetividade, que extirpa da sua criação tudo aquilo que, em seu projeto, pertencia ainda ao individual-particular. (HELLER, 1992, p.29).

Faz-se mister, a fim de que tenhamos uma melhor compreensão deste texto, revisar o termo Criatividade. O psicólogo Vygotsky (1989) enuncia criatividade como "a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente". Já, na opinião de Mário de Andrade, na sua obra - O artista e o artesão - (1963, p. 11) o pensador reforça a ideia de que todo artista

tem que ser ao mesmo tempo artesão sendo o exercício que aproxima a arte do artesanato. Assim, segundo Machado,

> Com a ampliação do ensino de artes, em todos os níveis, no território e no tempo de duração dos cursos, com certeza nem todos os cidadãos chegarão a se tornar artistas, mas todos terão a oportunidade – ou melhor, o direito -, de ser um artista (p.14).

Outra pensadora que tem se debruçado sobre o processo de criação é Key Words Ostrower (1987, p.187) que assim posiciona-se sobre o mesmo:

> Em qualquer processo de criação, surgem simultaneamente ordenações materiais e espirituais. Por isso o ato criativo sempre deixa um lastro, seja na pessoa que cria ou seja na pessoa que recria mentalmente as formas já criadas. Constitui uma fonte de eterna renovação espiritual, de desdobramento e de transformação.

Por outro lado, em sua obra "A coragem de criar", Rollo May (1982) ao referir-se sobre a Criatividade enuncia que "a criatividade está no trabalho do cientista, como no do artista; do pensador e do esteta; sem esquecer os capitães da tecnologia moderna, e o relacionamento normal entre mãe e filho".

Cabe ainda, ao escrever sobre uma instituição de artes, revisitar o significado da palavra *"Arte"* - um conceito que sempre foi pauta de discussão entre os indivíduos mais diversos. Ressalta Lukács (1970, p.198) que "o conteúdo da obra, e consequentemente o conteúdo da sua eficácia, é a experiência que o indivíduo faz de si mesmo na ampla riqueza de sua vida na sociedade". Dessa forma, a visão de mundo do

artista é uma referência que perpassa sua obra. Já, para o filósofo Hegel (2001), a arte exerce sobre o ser humano um papel que liberta, emancipa e desaliena uma vez que exerce a magia de libertar o artista que, inserido no processo de criar consegue reinventar o mundo e não apenas a si mesmo. Adverte para o fato de que

> a obra de arte, dada a sua natureza ao mesmo tempo material e individual, nasce essencialmente de toda espécie de condições particulares, dentre as quais estão especialmente a época e o lugar de nascimento, a individualidade determinada do artista e, principalmente, o nível de aperfeiçoamento técnico da arte (HEGEL, 2001, p. 56).

O Centro de Criatividade é uma instituição de cunho cultural sendo oportuno, portanto, ressaltar que o termo *Identidade cultural* representa um conceito complexo, que envolve o conjunto de crenças, valores, modos de agir e pensar de um grupo social ou sociedade. Neste estudo fala-se do resgate de uma identidade cultural perdida, porque a sociedade jesuítico-guarani que habitou as terras do povoado de *San Luís*, era detentora de uma cultura ímpar que aos poucos foi se perdendo. Ora, a identidade cultural é um processo dinâmico, que confere à pessoa, comunidade, nação e ou sociedade um sentimento de pertencimento. Assim, essa identidade missioneira constituía-se em uma rede de representações cuja origem foi estabelecida entre indígenas e padres jesuítas, em um espaço e em um tempo determinados: trata-se de um patrimônio identitário, que mesclava língua, religião, arte, traba-

lho-ideias a serem resgatadas, no caso em estudo, pelo entendimento da história do Centro de Criatividade São-Luizense.

3. Sobre a criação do Centro de Criatividade

Relatos, fragmentos à beira dos mitos e das lendas, que releem e reescrevem pensamentos; conversas e memórias, de amigos e amigas artistas, de pessoas sensíveis, nos veem à mente, e fazem emergir para momentos, não tão distantes, em que visitando o Museu de Arte, em Porto Alegre e observando obras de inexplicável expressão da arte e do belo, num passe de mágica, em minúsculas fagulhas de tempo, transpusemos o pensamento para São Luiz Gonzaga, para o imenso e caudaloso acervo de obras de nossos artistas são-luizenses.

O potencial artístico de nossos artífices-artistas que desprovidos de quaisquer intenções, a não ser a de expressar sua força de trabalho, e a de serem "mensageiros da arte", trabalhadores da cultura, mereciam e precisavam ser valorizados e organizados numa associação que mostrasse para o mundo o fazer personificado da figura dos que investem numa das maiores dimensões do ser humano – a da sensibilidade artística.

A partir daí, ancoramos o pensamento de que esses personagens faziam uma história, que merecia ser contada e cantada a muitas mãos, em uma memória tecida do individual ao coletivo, reforçada pela ideia de grupo. Uma associação que reunisse e oportunizasse ultrapassar os limites de sua arte e

consolidasse um discurso relacionado à adoção de novas práticas e expansão de mercados mais amplos para seu fazer artístico era o que precisava acontecer.

Para além do exotismo da paisagem missioneira, quem sabe, buscariam estes atores, imagens recorrentes de uma paisagem desejada que poderia descortinar para uma nova paisagem - exuberante e incógnita – a de reunir-se em uma associação de artistas e artesãos são-luizenses que possibilitasse extrapolar fronteiras municipais, regionais e nacionais.

A ocasião era propícia; vivíamos um clima de preparação da II Mostra da Arte Missioneira - evento cultural e artístico que visa congregar artistas, artesãos e intelectuais dos países Brasil, Argentina e Paraguai e que já se realizara, em sua primeira edição em 1980, com sucesso, e testemunhara a riqueza artística de nosso povo e de nossa gente.

E foi assim que, retornando para São Luiz Gonzaga, rascunhamos – para que a ideia não escapasse no corre-corre das tarefas cotidianas - alguns parágrafos que traduziam o desejo de criar uma associação com o objetivo de incentivar no artista local a atividade criadora, estimular em nossa comunidade o gosto pela Arte, integrar pessoas que possuam habilidades e/ou interesse pelas diferentes áreas de manifestação artística, oferecer oportunidades de "crescimento cultural" no desenvolvimento de atividades artísticas e difusão cultural[2].

[2] CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO-LUIZENSE. ESTATUTO. 13 de novembro de 1995. Art. 4º.

De imediato, sugerimos ao Presidente da II Mostra - Luiz Cosme Moreira Pinheiro - e para o Coordenador Geral do evento - José Alberto Pinheiro Vieira - apresentando os objetivos propostos com a criação da Associação. A sugestão foi bem recebida e agendada a realização de uma reunião com nossos artistas.

Tudo conspirou a favor da concretização do proposto. Depressa, formulamos convites a um grupo de pessoas[3], para uma reunião, na Câmara de Vereadores que à época, funcionava na Prefeitura Municipal. A receptividade foi total.

E, é fazendo um recorte de temporalidades, debruçada na janela do tempo, dos dias e das horas, na década de 80 do século findo, mais precisamente, no dia vinte e um de setembro do ano de 1983, que podemos relembrar, como se fosse hoje, o grupo de pessoas que reunimos, como coordenadora do então *I Salão de Artes da II Mostra da Arte Missioneira* na Câmara de Vereadores de São Luiz Gonzaga, grupo ao qual propusemos *"criar um Centro de Cultura, uma Associação que agregasse e valorizasse pessoas que manifestavam habilidade ou interesse pelas diferentes Áreas Artísticas"*. Ouvindo aos participantes, percebemos, na falas de uns as vozes de muitos que acolheram a sugestão manifestando que a concretização seria *"um incentivo aos artistas e mesmo uma oportunidade de demonstrar seu trabalho"*[4]. Sem demoras ou discussões, o grupo se propôs a concretizar a sugestão, construindo um projeto, enriquecendo-o, somando esforços, de forma coletiva e integrada, através de uma associação que congregasse áreas de atuação: Artes Plásti-

[3] Artistas, pessoas com diferentes aptidões artísticas e autoridades.

[4] AMARAL, Regina Corrêa. LIVRO DE ATAS 1983-1990 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO-LUIZENSE. Ata n 01/1983. p.01.

cas, Artesanato, Artes Cênicas, Literatura, Música, Fotografia, Cinema e Folclore. Como metas foram traçadas: Feiras de Arte e Artesanato, "Pacotes Culturais", Seminários, Festivais, Encontro de Artistas, entre outras.

Foi então que se formou uma *Comissão Provisória*[5] - a qual nos coube coordenar, para agilizar a estruturação do já denominado *Centro de Criatividade São-luizense*. A artista plástica Lourdes Calábria assumiu a *Área de Artes Plásticas*; a artesã Abegair Damião, a *Área do Artesanato*; Maria de Lourdes Bettanim e José Afonso Morais Fernandes, a *Área de Artes Cênicas*; Plínio Ivar da Rosa, a *Área da Música*; Péricles Luconi, a *Área da Fotografia*; Arlindo Nardom - a *Área do Cinema*; Luiz Carlos Cardoso, a *Área da Literatura*. A *Área do Folclore* foi assumida por Beatriz Gonçalves e pela Invernada Artística do CTG Galpão de Instância- fato registrado por Regina Corrêa do Amaral.

A Comissão reuniu-se, pela primeira vez, no dia 17/11/83 – na Biblioteca Pública Municipal e, em 23/11/83 no CTG[6], elegeu a primeira diretoria tendo como Presidente - Sonia Bressan Vieira e Vice-presidente - Lourdes Calábria. Elegeu-se Secretária, Catarina Torres e Tesoureira, Helena Teixeira. Nas coordenações das Áreas permaneceram as mesmas pessoas da Comissão Provisória, com algumas alterações. Foram eleitas coordenadoras das áreas: Artes Plásticas - Clarissa Froelich; Música - Maria de Lourdes Bettanim; Literatura - Zaida Dorneles; Teatro - Neide Fiorenzano. Responsabi-

[5] AMARAL, Regina Corrêa. LIVRO DE ATAS 1983-1990 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO-LUIZENSE. Ata n 01/1983. p.01 e 2.
[6] OLIVEIRA, Marilda. Livro de Atas1983-1990 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO-LUIZENSE. Ata nº 03/1984. p. 2 e 3.

lizaram-se pela divulgação, Newton Alvim, João Ribeiro e Daniel Souza. No Conselho Fiscal: Alvenir Wolski, Plínio Ivar da Rosa, Sandro Medina, Brazilia Filgueiras, Mara Paz e Leonor Magalhães. Entre as metas prioritárias propostas pelo programa - estruturação e regulamentação da entidade, elaboração de um Estatuto e o registro de utilidade pública, entre outras, precisavam ser iniciadas e buscadas.

Reuniões de planejamento e organização foram acontecendo com a finalidade de organizar o CCS como: criação de um Logotipo (aprovado em 09 de maio de 1984)[7]; ampliação das áreas de atuação com a inclusão da área de Tecelagem, em 26 de maio de 1984, tendo como coordenadora - Eli Tomazin Romero;[8] realização da 1ª FEIRARTE (nos dias 02 e 03 de julho de 1984); elaboração do Estatuto; publicação do Extrato do Centro de Criatividade no Diário Oficial nº 32 de 28 de agosto de 1984;[9] publicação do Registro dos Estatutos no Cartório de Registro Civil e Especial sob o nº 252, folhas 12 e nº 16-a (em 05 de setembro de 1984); e solicitação da Capela do antigo Ginásio Santo Antônio de Pádua, ao Poder público, para funcionar como "sede" da entidade. Estas foram preocupações iniciais da 1ª Diretoria além de outras.[10]

---

[7] PILLON, Mara: Livro de atas do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Ata nº 11/1984. p. 9 e 10.

[8] PILLON, Mara. Livro de atas do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Ata nº 13/1984. p. 10.

[9] PILLON, Mara. Livro de atas 1983-1990 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Ata nº 24/1984. p. 21.

[10] Livro de atas 1983-1990 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO-LUIZENSE. Atas 01 a 37 - p.1-28.

Reflexões e debates levaram a formulação e posterior aprovação, em 20 de agosto de 1984[11], do Estatuto que em seu artigo 1º rezava:

> Fica constituído o CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO-LUIZENSE, uma associação de artesões, artistas plásticos, tecelões, músicos, simpatizantes de cinema, fotografia, teatro, literatura e folclore, sem fins lucrativos, com personalidade jurídica própria, fundado em 21 de setembro de 1983, neste Estatuto, mencionado, abreviadamente como CENTRO DE CRIATIVIDADE e, pela sigla CCS, destinada a integrar pessoas que demonstram habilidades nas diferentes áreas de manifestação artística, e desenvolver programas de assistência artística e cultural, que se regerá pelo presente Estatuto.[12]

Em 2011, uma assembleia geral aprovou a reforma desse primeiro estatuto para atender as exigências do Código Civil seguida da elaboração de seus Regimento.[13]

4. Ações relevantes

Cabe ressaltar que o CENTRO DE CRIATIVIDADE (2011, art. 4º), para cumprir seus propósitos, atua por meio da execução direta de projetos, programas ou plano de ações; da doação de recursos físicos, humanos e financeiros ou prestação de serviços intermediários de apoio a outras organiza-

[11] DORNELES, Zaida dos Santos Magalhães: livro de atas do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO-LUIZENSE. Ata nº 23/1984 de 20 de agosto.p. 16 -21.

[12] CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO-LUIZENSE. ESTATUTO. 20 de agosto de 1984. Art. 1º.

[13] CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO-LUIZENSE. ESTATUTO. 30 de agosto de 2011. Art. 2º.

ções sem fins lucrativos e a órgãos do setor público que atuam em áreas afins.

LUCAS (2005, p. 5)[14], por ocasião dos 22 anos da entidade, advertiu que,

> trabalhar, fazer parte de uma entidade é como executar uma sinfonia: para a execução será necessária a presença de muitos elementos- os instrumentos, as músicas, a plateia... Todos os elementos são fundamentais... para que a sinfonia aconteça será preciso a participação de todos... É assim que vemos hoje o Centro de Criatividade São-luizense, como uma bela sinfonia, cuidadosamente executada por mentes e mãos habilidosas que apontam , executam e escolhem as referências que irão ampliar os projetos planejados.

Ao longo das gestões constata-se que houveram atividades que foram perenes e contínuas dando sequência ao iniciado na primeira gestão de **Sonia Bressan Vieira** como: a realização da FEIRARTE (30 edições); do BAZAR da PÁSCOA (18 edições); da FEIRA DE NATAL (29 edições); de festividades culturais variadas para comemoração da data de aniversário da entidade; e, da promoção de cursos para aperfeiçoamento e atualização dos associados e para pessoas da comunidade. Também organização e/ou participação nas edições das MOSTRAS DA ARTE MISSIONEIRA e de exposições regionais e estaduais como o FÓRUM DE ARTESANATO/RS e promoções de peças de teatro, shows artístico-culturais foram uma constante. Por outro lado, cada gestão, sabiamente, procurou adequar atividades ao contexto do momento vivido, realizando projetos peculiares.

[14] LUCAS, Clara de Lima. CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO-LUIZENSE; 22 anos de fomento às Artes.2005.

5. Homens e mulheres buscaram...

Tudo isto, e muito mais, foi possível porque em toda a sua trajetória, neste Centro, houveram associados e líderes, homens e mulheres que se dedicaram, se doaram e buscaram!

Constatamos que ao longo dos 30 anos do CCS atuaram 13 gestores (as) que se alternaram em 34 gestões.

No período de **1983 a 1985** atuou como gestora **Sonia Bressan Vieira** – Presidente da Comissão Provisória de implantação do Centro de Criatividade de 21 de setembro de 1983 até 23 de novembro de 1983. Como metas traçadas e realizadas constou a organização e agilização da divulgação da entidade e, as metas propostas, anteriormente citadas.

Em 23 de novembro de 1983, **Sonia Bressan Vieira** foi eleita 1ª presidente. A gestão foi até 20 de agosto de 1984 tendo dado início a vários projetos que permaneceram ao longo das gestões. Foi reeleita para a 2ª gestão que estendeu-se de 20 de agosto de 1984 até 29 de abril de 1985.

A partir de 1985 vivenciamos na liderança da entidade a presença de **Vera Rejane Maffazziolli dos Santos**[15] - gestão 1985-1987:[16] Além da realização dos projetos tradicionais efetuou o registro do CCS na Fundação Gaúcha do Trabalho e solicitação do "porão" do Centro de Artes para atividades do Centro de Criatividade.

---

[15] Gestão de Vera Rejane Maffazziolli dos Santos: 29 de abril de 1985 até 1987.

[16] TRAUER, Emília Tereza. LIVRO DE ATAS 1983-1990 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 03,04,05,06,07,08,09,10 de 1985. p. 31 a 34.

Em 1987, assumiu **Hamilton Borlicher**. Cabe ressaltar que não encontramos registros escritos do período de 11 de junho de 1985 até 23 de julho de 1988. No entanto, encontramos na Ata 01 de 1988 o registro de que:

> O Presidente em exercício, gestão oitenta e sete, Hamilton Borlicher salientou que alheio a sua vontade, não se tornou possível o encerramento de sua gestão no prazo determinado em estatuto desejando assim a união, com muito sucesso, a nova Diretoria.[17]

Em 1988, **Newton Alvin** foi eleito para presidir o CCS. Licenciou-se, em 22 de novembro de 1988 e solicitou demissão, em 20 de dezembro de 1988.[18] Em sua gestão, reforçou a solicitação, ao Prefeito Municipal, da Capela para o CCS, entre outras ações.

Em 22 de novembro de 1988, assume a vice-presidente **Maria Elena Juchen**. Foi confirmada no cargo, em 20 de dezembro de 1988, permanecendo até 26 de abril de 1989.[19]

Na sua gestão houve a preocupação do "ressurgimento" da entidade e o recadastramento do quadro associativo.[20] Foi solicitada a abertura da *Casa da Mostra* a qual foi designa-

---

[17] DAMIÃO, Abegair. LIVRO DE ATAS 1983-1990 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 01 de 23 de julho de 1988. p. 35 frente-verso.

[18] DAMIÃO, Abegair. LIVRO DE ATAS 1983-1990 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 01,02,03,04,05,06,07,10 de 1985. p. 31 a 34.

[19] DAMIÃO, Abegair. LIVRO DE ATAS 1983-1990 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 12 e 13, p. 42 e 43. Assumiu em virtude do licenciamento e posterior demissão de Newton Alvim, em 20 de dezembro de 1988.

[20] CENTRO DE CRIATIVIDADE- Álbum de Recortes e Fotos: 27-04-89 a 31-8-89.

da como sede provisória do CCS, para reuniões e outras atividades em julho de 1988.[21]

Em 27 de abril[22] de 1989, assumiu **Luiz Fernando de Souza**[23] até 06 de julho de 1989 (quando apresentou pedido de demissão). Preocupou-se com a elaboração de um plano de conscientização da comunidade para a importância da arte na evolução de São Luiz Gonzaga.[24]

Coube a **Pedro Ari Soares** - vice-presidente da gestão anterior - receber o cargo em 06 de julho de 1989[25] e, em 10 de maio de 1990, entregou a gestão ao Conselho Fiscal (Maria Elena Juchen, Sonia Bressan Vieira e Abegair Damião).[26]

O Conselho Fiscal agiu rápido. Onze dias após, **Alvenir Zamperetti Wolski** foi eleita presidente do CCS exercendo o cargo por cinco (5) gestões. As duas primeiras foram consecutivas,[27] sendo a 1ª gestão[28] relativa ao período 1990-

[21] CENTRO DE CRIATIVIDADE- Álbum de Recortes e Fotos: 27-04-89 a 31-8-89.

[22] SOUZA e SILVA, Maria Bárbara. LIVRO DE ATAS 1983-1990 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 01 e 02 de 1989, p. 46 e 47.

[23] SOUZA e SILVA, Maria Bárbara. LIVRO DE ATAS 1983-1990 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 01 e 02 de 1989, p. 46 e 47.

[24] CENTRO DE CRIATIVIDADE- Álbum de Recortes e Fotos: 27-04-89 a 31-8-89.

[25] CAINO, Maurício. LIVRO de ATAS 1983-1990 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 21de 1989, p. 47.

[26] CENTRO DE CRIATIVIDADE- Álbum de Recortes e Fotos: 27-04-89 a 31-8-89.

[27] A 1ª gestão :21 de maio de 1990 a 27 de junho de 1991 e 2ª gestão-:27 de junho de 1991.

[28] LUCAS, Clara Lima. LIVRO de ATAS 1983-1990 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 01 de 21 de maio de 1990, p. 01.

1991 e a 2ª gestão[29] 1991-1992.[30] Retornou em 1996 e permaneceu por mais três gestões, até 1999. Entre as realizações das diretorias que a assessoraram, aconteceu a Posse da Capela do antigo Ginásio Santo Antônio. A antiga Capela do Santo Antônio foi construída pelos padres franciscanos, em 1952, por iniciativa do Frei Armando Seibert. Após a posse foi possível pensar na sua restauração, a qual ocorreu mais tarde na gestão de Neli Bremm. A entidade teria mais uma vitória em 1990: a cedência da CASA DA MOSTRA, em comodato, pela Câmara de Vereadores ao CCS, o que permitiu que mais tarde ocorresse a inauguração da Casa ARTE NOSSA, em 31 de maio de 1992, funcionando como uma Feira permanente de Artesanato e Artes Plásticas.

Soma-se às conquistas do período a cedência da Sala 3 (local no qual funcionou a secretaria da entidade) no prédio do antigo Ginásio bem como a autorização do uso do "porão" do Centro de Artes Lucas Franco de Lima. Na gestão de Alvenir ocorreram ainda, outras realizações.[31]

A partir de junho de 1992, assume **Neli Bremm** que foi presidente em 7 gestões. Iniciou atuando em duas gestões consecutivas[32]; 1ª gestão -1992/93[33]; e a 2ª gestão[34] 1993/

[29] DAMIÃO, Abegair. LIVRO de ATAS 1990-2001 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 21 de 27 de junho de 1991, p. 9 verso. Sala 3 do CCS - Prédio do antigo Ginásio Santo Antônio de Pádua.
[30] DAMIÃO, Abegair. LIVRO de ATAS 1990-2001 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 34 de 29 de junho de 1992, p. 19 frente e verso. Sala 3 do CCS - Prédio do antigo Ginásio Santo Antônio de Pádua.
[31] Relatório de Gestão: 1991-1992. Livro.
[32] DAMIÃO, Abegair. LIVRO DE ATAS 1990-2001 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 34 de 29 de junho de 1992, p. 19 frente e verso. Sala 3 do CCS - Prédio do antigo Ginásio Santo Antônio de Pádua.
[33] Neli assume a 1ª gestão em 29 de junho de 1992 até 29 de abril de 1993.
[34] BRAGA, Shirley. LIVRO DE ATAS 1990-2001 do CENTRO DE CRIA-

94[35]. Em virtude de licença de Neli Bremm[36] assumiu, temporariamente, a **Ana Maria Oliveira** -Vice-Presidente. Neli volta para exercer a presidência da 3ª gestão 1995/96. Em 2000 é eleita para a 4ª gestão - 2000/2001 permanecendo, consecutivamente, por mais 4 gestões, até 2003.

Entre as ações relevantes[37] realizadas pela diretoria no 1º período cita-se: a restauração - reforma da Capela do antigo Ginásio Santo Antônio de Pádua,[38] cuja Campanha teve o apoio dos ex-alunos e da Comunidade. Concluída a restauração foi reativada como *Sala Ana Petrona Krieger*, em 22 de setembro de 1993.[39] Na oportunidade da inauguração houve um *Recital*, uma *Mostra Coletiva*, e uma *Homenagem ao Frei Armando Seibert* (em conjunto com o IHG) constituindo-se, a nova sala, em mais um ponto de cultura para São Luiz. Ainda, nesta gestão, ocorreu a instalação da Casa ARTE NOSSA, entre outras atividades. Após, as duas gestões de Neli

TIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 53, de 29 de abril de 1993, p. 29 frente e verso e 30. Sala 3 do CCS - Prédio do antigo Ginásio Santo Antônio de Pádua.

[35] BRAGA, Shirley. LIVRO DE ATAS 1990-2001 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 66, de 29 de abril de 1994, p. 38 frente e verso e 39.

[36] Gestão:30 de março de 1993 até 26 de abril de 1993.

[37] BRAGA, Shirley. LIVRO DE ATAS 1990-2001 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 53, de 29 de abril de 1993, p. 29 frente e verso e 30. Sala 3 do CCS - Prédio do antigo Ginásio Santo Antônio de Pádua.

[38] A reforma das janelas que estavam se deteriorando ocorreu em conjunto com o Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga que entrou com a pintura e o CCS com a madeira. A mão de obra foi da Prefeitura Municipal.

[39] Livro Centro de Criatividade: recortes, fotos informações. Gestões: 1992-93 e 1993/94. Matéria A Notícia de 25/11/93. Matéria Jornal 7 Povos-Capela do ginásio já é um novo Centro de Cultura. 24/09/93-p.03.

assumiu **Margarete Reichert** para a gestão 1994/95.[40] Ações como a troca de Telhado na Casa da MOSTRA e aquisição de 60 cadeiras para a Sala Ana Petrona, pintura na sala 3 e no "porão" além de outras, foram efetuadas.

Em 1995, **Neli Bremm** é eleita para a 3ª gestão 1995-96.[41] Entre as realizações[42] aponta-se: a efetivação do Contrato de Comodato da CASA da MOSTRA por 10 anos, a devolução do "porão" do Centro de Artes para a Secretaria Municipal de Educação, a cedência (pelo Instituto Histórico e Geográfico) ao CCS da Sala 1 do piso térreo do Prédio do antigo Ginásio Santo Antônio de Pádua.[43] Entrega da Sala Ana Petrona Krieger ao IHG. Este se comprometeu a manter e conservar o imóvel por prazo indeterminado mediante regulamento do CCS, em 8 de fevereiro de 1996. Destaca-se, ainda a alteração do Estatuto de 1984,[44] a troca de piso da

[40] ANTES, Luci. LIVRO de ATAS 1990-2001 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 84, de 28 de abril de 1995, p. 47 frente e verso e 48. Sala 3 do CCS - Prédio do antigo Ginásio Santo Antônio de Pádua. Gestão - 29 de abril de 1994 até 28 de abril de 1995.

[41] BRAGA, Shirley. LIVRO de ATAS 1990-2001 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 98 de 30 de abril de 1996.58frente e verso e 59. Sala 1 do CCS - Prédio do antigo Ginásio Santo Antônio de Pádua. 3ª gestão, em 28 de abril até 30 de abril de 1996.

[42] BRAGA, Shirley. LIVRO de ATAS 1990-2001 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 96 de 13 de fevereiro de 1996.56 verso e 57 frente e verso. Sala Ana Petrona Krieger.

[43] O Termo de Cedência firmado pela Escola de Segundo Grau e Prefeitura Municipal, permite a utilização da Sala reservando-se o direito de uso mediante aviso com 15 dias de antecedência. O IHG se compromete a manter e conservar o imóvel por prazo indeterminado mediante o regulamento do CCS em 8 de fevereiro de 1996.

[44] OLIVEIRA, Ana. LIVRO de ATAS 1990-2001 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 94 de 13 de novembro de 19895. p.55. Sala Ana Petrona Krieger.

Loja, pintura da cozinha e construção de parede e pintura lateral da Loja ARTE NOSSA, entre outras ações.

No ano de 1996, **Alvenir Wolski** retorna à presidência para a sua 3ª gestão1996-97.[45] Licenciada em 24 de junho de 1997 assume a vice-presidente - **Cely Gamarra**. **Alvenir** é reeleita para a 4ª gestão:[46] 1997-98 e reeleita para o desempenho a sua 5ª gestão:[47] 1998-99.[48] Realizações importantes aconteceram, entre as ações das cinco gestões, como a solicitação da construção da sede para o Centro de Criatividade, em 24 de junho de 1997, a solicitação oficial da construção da sede da ARTE NOSSA,[49] e o encaminhamento à Câmara de Vereadores de pedido de autorização para a referida construção.

A associada **Lucila Schomer**[50] assumiu a presidência do CCS para a gestão 1999-2000; em 19 de fevereiro de 2000 solicitou demissão.[51] Em decorrência, assumiu a vice-presidente **Noemi Pereira**, até 28 de abril de 2000.

[45] CENTRO de CRIATIVIDADE SÃO-LUIZENSE; Gestão 1995-96; Recortes, fotos, informações. 3ª gestão Elvenir Wolski- 30 de abril até 30 de abril de 1997.

[46] Alvenir Wolski- 4ª gestão de abril de 1997 até 30 de abril de 1998.

[47] GAMARRA, Cely Lopes. LIVRO de ATAS 1990-2001 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 125 de 30 de abril de 1998. P. 75- frente e verso. Alvenir Wolski foi reeleita para o desempenho a sua 5ª gestão- 30 de abril de 1998, até 31 de maio de 1999.

[48] OLIVEIRA, Ana. LIVRO de ATAS 1990-2001 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 137 de 31 de maio de 1999.p. 81- verso e 82 frente. Sala 1 do CCS - Prédio do antigo Ginásio Santo Antônio.

[49] ARAÚJO, Dalva. LIVRO de ATAS 1990-2001 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 9118/97 de 24 de junho de 1997. P. 71 frente e verso. ARTE NOSSA.

[50] Gestão de Lucila Schomer: 31 de maio de 1999 até 19 de fevereiro de 2000.

[51] OLIVEIRA, Ana. LIVRO de ATAS 1990-2001 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 146 de 19 de fevereiro de 2000. p.86- verso e 87 frente. Sala ARTE NOSSA.

Neli Bremm assumiu sua 4ª gestão- 2000/2001 realizando, com sua equipe de trabalho,[54] a conclusão da 1ª fase da Construção da SEDE, em 21 de Dezembro de 2000, ressaltando três painéis pintados no azulejo por Dalila Gioda (pia), e Márcia Dorneles (cozinha) e Claúdia Moraes (banheiro), além de outras atividades. **Neli Bremm** foi reeleita para a 5ª gestão- 2001/2002[55] e realizou com sua diretoria e comunidade a inauguração da nova sede, em 13 de Outubro de 2001. Na ocasião, homenageamos o grupo com o envio de cartão com a mensagem:

> e , nesta recente meta proposta - construir a sede de nosso querido Centro, pessoas incansáveis, perspicazes, sábias, com conhecimento do que significa trabalhar por uma causa em nossa comunidade, estas pessoas sonharam... e, na trilha dos sonhos, hoje, 13 de outubro de 2001, vivem uma realidade - a do sucesso, a de ver edificada a sua sede, criando raízes, deixando marcas em sua história de sujeitos - cidadãos, na história do Centro de Criatividade São-luizense e na história de nossa São Luiz Gonzaga.[56]

Mais uma vez, **Neli Bremm** é reeleita sendo esta a sua 7ª gestão- 2002/2003[57]. Várias ações foram realizadas. Em 30 de abril de 2003, **Márcia Bastos** assume o CCS até

[52] Neli Bremm - 4ª gestão: 28 de abril de 2000 até 30 de abril de 2001.
[53] OLIVEIRA, Ana. LIVRO de ATAS 1990-2001 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 160/2001 de 30 de abril de 2001. p.96 frente-verso. Sala ARTE NOSSA.
[54] Braga, Shirley. LIVRO de ATAS 1990-2001 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 161 de quatorze de maio de 2001. p. 96 verso, 97 frente-verso e 98. Residência da Presidente Neli Bremm.
[55] Neli Bremm - 5ª gestão: 30 de abril de 2001 até 25 de abril de 2002.
[56] VIEIRA, Sonia Bressan. Cartão. 13 de outubro de 2001. Arquivo do Centro de Criatividade São Luizense.
[57] Neli Bremm - 7ª Gestão: 25 de abril de 2002 a 30 de abril de 2003.

30 de abril de 2004 concedendo o título de *Sócio Benemérito* à Neli Bremm e preocupando-se em registrar a Associação do CCS na COOPARIGS - Associação de Artesãos do Rio Grande do Sul, criar uma nova logomarca para o CCS, e realizar o 1º Concurso RETRATE SÃO LUIZ, além de outras atividades.

A associada **Maria Elisa Barreira** foi eleita[58] para a gestão 2004/2005 e efetuou, com sua diretoria, entre outras atividades[59] a modernização do CCS em termos de equipamentos e móveis como também lutou pela inclusão na Rota da Arte Missões e lançou a Festa Junina.

Em 29 de abril de 2005,[60] assumiu **Sélia Sasso de Morais** iniciando uma trajetória de 8 gestões, em 2014[61]. Sua 1ª gestão se estendeu até 02 de maio de 2006. Reeleita para a 2ª gestão: 2006-2007, para a 3ª gestão: 2007-2008; para a 4ª gestão: 2008- 2009; para a 5ª gestão: 2009- 2010; para a 6ª gestão: 2010- 2011; para a 7ª gestão: 2011- 2013 e para a 8ª gestão: 2013-2015.

[58] Gestão de Maria Elisa Barreira - 30 de abril de 2004 até 29 de abril de 2005.

[59] ÁLBUM 1- Fotos/Gestão: Maio 2004/Abril 2005. ÁLBUM 2- Gestão Maio 2004-2005. Fotos; ÁLBUM 3 Gestão Maio 2004-2005. Fotos. Construção de vitrines para artesanato e pranchões para esculturas, prateleiras com espelho e araras para artesanato, pintura interna da Sala de oficinas, reuniões e da cozinha, cortinas, Sala para artes plásticas, balcão para atendimento ao público.

[60] MATOS, Gerônima. LIVRO DE ATAS 2001 do CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO–LUIZENSE. Atas nº 196 de 29 de abril de 2005. Sala ARTE NOSSA.

[61] A 1ª gestão se estendeu até 02 de maio de 2006. Reeleita para a 2ª gestão em 02 de maio de 2006 até 30 de abril de 2007, para a 3ª gestão em 30 de abril de 2007 até 02 de maio de 2008; para a 4ª gestão em 02 de maio de 2008 até 08 de maio de 2009; para a 5ª gestão 08 de maio de 2009 até 07 de maio de 2010; para a 6ª gestão em 07 de maio de 2010 até 05 de maio de 2011; para a 7ª gestão em 05 de maio de 2011 até 10 de maio de 2013 e para a 8ª gestão de 10 de maio de 2013 até 2015.

As diretorias que integraram as gestões lideradas por Sélia preocuparam-se em realizar, além das atividades tradicionais da entidade, ações peculiares como: - na 1ª gestão, a participação no evento *"Galeria dos Municípios"* na Assembleia Legislativa, a criação da página do CCS na Internet, a exposição *"Missões em Arte"* entre outras. Na 2ª gestão, buscou a ampliação da venda de trabalhos pela Internet, a construção de depósito de material, a instalação de filial do CCS em São Miguel das Missões, a reorganização do MUSEU da MOSTRA e a pintura do prédio do CCS. Na 3ª gestão foi concretizado o novo Site do CCS. Na 4ª gestão, destacou-se a comemoração alusiva aos 25 anos do CCS com um jantar-show com uma homenagem à fundadora - Sonia Bressan Vieira e a homenagem realizada pelo Instituto Histórico e Geográfico - IHG aos 25 anos do CCS. Na 5ª gestão destacou-se a homenagem do CCS ao IHG pelos 25 anos (2009). E, na 6ª gestão, entre outras, realizou-se a Exposição de Artesanato e Artes Plásticas na XIV Mostra da Arte Missioneira (2011). Na 7ª gestão, importante ato foi a aprovação da reforma do Estatuto Social em 20 de agosto de 2011, a Exposição em homenagem ao Frei Armando Seibert (obras- acervo de Hilda Langsch), a homenagem a Neli Bremm na 28ª FEIRARTE (17 a 20 de junho de 2013), a homenagem às sócias Alvenir Wolski, Tereza Gomes de Oliveira, Abegair Damião e Cláudia Moraes no jantar comemorativo aos 30 anos do CCS, entre outras. Em sua 8ª gestão 2013-2015, Sélia homenageou o artista plástico Flávio Augusto Bettanim durante a 30ª FEIRARTE 2014.

6. Considerações Finais

Revela-se, neste relato, a força que o discurso e o trabalho produzem. Podemos dizer que essas pessoas fizeram o caminho, fazendo dele a morada de uma associação que foi se consolidando. De lugar nenhum, chegou a uma posição de destaque, como os fatos e atos nos mostram. O CENTRO de CRIATIVIDADE SÃO-LUIZENSE, tal como o artista, não nasceu pronto. Foi necessário olhar para seu interior e desvendar seus mistérios, suas entranhas mais ínfimas e questionar o que parecia sem respostas, sem possibilidades.

Passadas, mais de três décadas, ao olhar para o realizado, podemos dizer que o CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO-LUIZENSE está solidificado e consolidado. Possui uma "casa", cujo alicerce é sólido, como sólido foi e é o trabalho de todos que por ele se doaram e continuam a se doar.

Sonhamos, em 1983, quando iniciamos a caminhada... pessoas sonharam, inventaram, imaginaram ao percorrer o caminho lideradas por diretorias atuantes e otimistas que realizaram. E, foi o sonho que tornou capazes de ousar a utopia de cada amanhã e experimentar o horizonte de cada momento da vitoriosa história desta associação que contou com amigos perenes e solidários na trajetória perseguida.

Estas pessoas foram ao longo desta construção e destes anos de trabalho, companheiras solidárias, amigas fiéis; não acreditaram apenas em si mesmas mas, acreditaram umas nas outras, se apoiaram umas às outras, confiaram umas nas outras, e, apesar de diferentes, até mesmo na forma de expressar a sua arte, se uniram e acima de tudo agiram, com garra, otimismo, confiança, sensibilidade e decisão... combinando novas ideias com as mesmas antigas ideias.

Porém, o universo da arte e da cultura é infinito, transcendente! Há algo, sempre a buscar ao mesmo tempo em que, algo sempre fica... para sempre! na alma, na história, e no amor a uma causa, imortalizado, na arte e na sensibilidade expressa nas obras que eternizam seus autores pelo tempo afora. Por isso, em tempos de violência e de desamor, o CENTRO DE CRIATIVIDADE SÃO-LUIZENSE faz da sua tarefa e de seu testemunho, uma presença de fé e de amor à Arte e à Cultura, em São Luiz Gonzaga; o porto seguro para os amantes do belo, das cores, das tintas, dos fios e das contas que compõem a grande trama da CULTURA que faz parte da história de todos os povos.

7. Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário. **O artista e o artesão**. 1963.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. 2ª Ed. **Cursos de Estética**. [Tradução: Marco Aurélio Werle]. Edusp: São Paulo, 2001.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 121p.

LUCAS, Clara de Lima. Centro de Criatividade São-luizense; 22 anos de fomento às Artes. 2005.

LUKÁCS, G. **Estética**. Trad.de Anna Marietti Solmi. Torino Einaudi editore s.p.a. 1970.

MACHADO, Bernardo Novais da Mata. **Uma política cultural para as artes**: Para além do fomento à produção e ao consumo. s,d.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 187

ROLLO May. **A Coragem de Criar** – 1982, ed. Nova Fronteira.

VYGOTSKY, L. S. **Criação e imaginação na Infância**. Ática Editora. 1989.

WERLE. Edusp: São Paulo, 2001.

Capítulo 3

O Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado em Santo Ângelo: uma Instituição Cultural da Região das Missões

Raquel Machado Rech

Capítulo 3

O Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado em Santo Ângelo: uma Instituição Cultural da Região das Missões

Raquel Machado Rech[1]

1. Introdução

O Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado (NArq/MMJOM), tem seu histórico na época em que se comemoravam os 300 anos da redução jesuítica de Santo Ângelo Custódio no biênio 2006 e 2007. Naquela ocasião estava findando um convênio de cooperação técnico-científico entre a Prefeitura Municipal de Santo Ângelo e

[1] Doutora em Arqueologia pela USP e Coordenadora do Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado, em Santo Ângelo. E-mail: raquelrech@gmail.com.

a URI, desempenhado através do NArq/CCM-URI[2] para a execução do *Programa de Acompanhamento e Monitoramento Arqueológico das Obras de Modificação da Praça Pinheiro Machado, Sítio Arqueológico da Antiga Redução de Santo Ângelo Custódio*[3] (RECH, 2007).[4]

Este projeto previa o monitoramento arqueológico das obras de remodelação da Praça Pinheiro Machado – a qual ocupa o mesmo espaço da antiga *Plaza Mayor* da redução existente no local durante o séc. XVIII – com a finalidade de integrar vestígios arqueológicos identificados em subsolo com o projeto de remodelação da praça, denotando um marco comemorativo ao aniversário de 300 anos desta redução jesuítica.

Com o término do prazo de um ano do convênio PMSA-URI, porém com a não conclusão das obras de remodelação da Praça Pinheiro Machado no mesmo período por parte da Prefeitura, não houve interesse por parte da Universidade local na renovação do mesmo.

---

[2] O Núcleo de Arqueologia do Centro de Cultura Missioneira da URI (NArq/CCM-URI), desativado desde 1993 quando da saída do Arqueólogo Giovane Scaramella daquela instituição, foi reativado especificamente no biênio 2006-2007 para dar endosso institucional/salvaguarda ao material arqueológico encontrado na execução do Programa de Acompanhamento e Monitoramento Arqueológico das Obras de Modificação da Praça Pinheiro Machado, Sítio Arqueológico da Antiga Redução de Santo Ângelo Custódio.

[3] Este projeto, autorizado pela Portaria IPHAN nº 147, de 26/05/2006, contou com recursos obtidos junto ao Ministério do Turismo do Brasil, além de convênios interinstitucionais com o Laboratório de Modelagem Geológica e Ambiental da UFRGS; o Laboratório de Química e Núcleo de Geoprocessamento da URI; além do Apoio Cultural da Unimed/Unicred Missões.

[4] Co-coordenado por esta arqueóloga e pela então Coordenadora do CCM-URI, profa. Me. Claudete Boff, contando com o corpo de estagiários dos cursos de História e Geografia da URI.

Nesse sentido, a Prefeitura, como responsável-mor pela obra de remodelação da praça, precisou articular novas medidas para garantir a continuidade do monitoramento arqueológico das obras, em respeito à legislação arqueológica federal e municipal vigentes.[5]

Portanto, em meados de 2007 a Prefeitura de Santo Ângelo reativou o cargo de Arqueólogo do Quadro Técnico-Científico do município,[6] bem como criou um novo espaço para dar seguimento ao endosso institucional/salvaguarda do material arqueológico encontrado durante as obras de remodelação da Praça Pinheiro Machado, criando assim, de maneira ainda informal, uma unidade interna do Museu Municipal: o seu Núcleo de Arqueologia, com a finalidade específica de continuar a execução de ações referentes às pesquisas junto ao sitio arqueológico da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio. Assim, pôde ser dada continuidade ao Programa de Monitoramento Arqueológico previamente inicia-

[5] Em concordância com a Lei Federal no 3.924/1961, que dispõe sobre a proteção aos monumentos arqueológicos e pré-históricos em território nacional; além das Leis Municipais no 1.658/1993 e 2.299/1993, que dispõem sobre as pesquisas arqueológicas na área do Centro Histórico do município onde se concentram em subsolo as ruínas da antiga redução jesuítica de Santo Ângelo Custódio.

[6] Conforme Leis Municipais nº 1.259/1990 e nº 1.656/1993, porém com este cargo também encontrava-se vago desde o desligamento do então arqueólogo do município, Giovane Scaramella, no ano de 1993, foi necessária a reativação deste cargo por meio das Leis Municipais nº 3.083/2007 e 3.087/2007, com a finalidade específica de continuar a execução de ações referentes a Pesquisa Arqueológica junto ao Sitio Arqueológico Santo Ângelo Custódio em Santo Ângelo, dando prosseguimento, assim, ao endosso institucional/salvaguarda aos vestígios a serem encontrados com a continuação do Programa de Monitoramento Arqueológico previamente iniciado com o convênio entre a PMSA-URI e deste momento em diante sendo dado prosseguimento apenas sob a responsabilidade do município.

do no ano anterior com o convênio entre PMSA-URI e deste momento em diante sendo dado prosseguimento apenas sob a responsabilidade do município.

2. Atividades desempenhadas pelo NArq/MMJOM

O Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado[7] foi criado inicialmente como um unidade interna do museu ainda no ano de 2007 para dar sequência ao *Programa de Acompanhamento e Monitoramento Arqueológico das Obras de Modificação da Praça Pinheiro Machado, Sítio Arqueológico da Antiga Redução de Santo Ângelo Custódio*, quando findou o convênio entre a PMSA e a URI, fato que provocou, também, a revitalização do cargo de Arqueólogo no quadro técnico-cientifico do município no mesmo ano e a criação no ano seguinte do *Programa de Vistoria, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico de Obras no Centro Histórico de Santo Ângelo, Área do Sítio Arqueológico da Antiga Redução de Santo Ângelo Custódio* (RECH, 2008), já a cargo do NArq/MMJOM.

Dentre as principais atividades à cargo da equipe do NArq/MMJOM estão:

[7] A estrutura organizacional ideal do NArq/MMJOM foi concebida com a seguinte composição: esta arqueóloga coordenadora, um técnico - ocupando cargo de confiança enquanto não ocorre concurso municipal para tanto - dois estagiários acadêmicos de História e/ou Pedagogia nomeados através de processos seletivos a cargo do município; dois auxiliares de serviços gerais fornecidos através do convênio PAC/PMSA-AESA (prestação de pena

• manutenção do Museu a Céu Aberto da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio;
• monitoramento arqueológico na área do Centro Histórico de Santo Ângelo;[8]
• análises laboratoriais dos vestígios encontrados;
• realização de atividades de educação patrimonial;
• organização de exposições;
• divulgação das pesquisas em eventos científicos.

3. Manutenção do Museu a Céu Aberto da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio

Criado inicialmente como uma unidade interna do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado em meados de 2007, seu Núcleo de Arqueologia pôde dar seguimento às pesquisas arqueológicas realizadas na área do Centro Histórico de Santo Ângelo iniciadas no ano anterior através do convênio de cooperação técnico-científico entre a PMSA-URI para a execução do *Programa de Acompanhamento e Monitoramento Arqueológico das Obras de Modificação da Praça Pinheiro Machado, Sítio Arqueológico da Antiga Redução de Santo Ângelo Custódio*.

[8] Delimitada pela Av. Rio Grande do Sul, a Sul; Rua Marechal Floriano, a Leste; Rua 7 de Setembro, a Norte; e Rua 15 de Novembro, a Oeste, conforme o Decreto Municipal nº 2.299/1993.

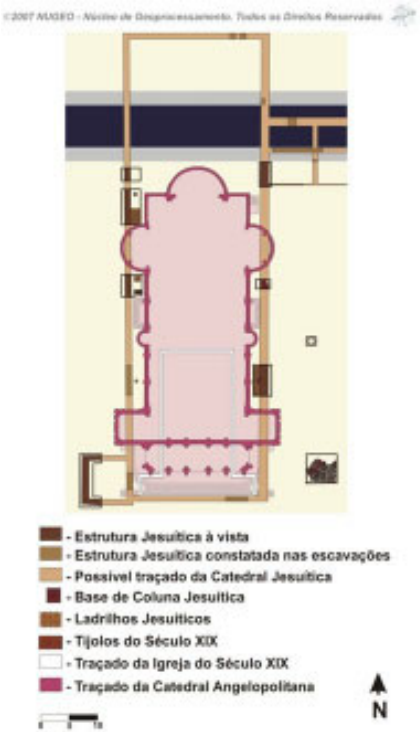
Figura 1: Desenho realizado pelo viajante europeu Carlos Pettermann em 1860 representando as ruínas da igreja jesuítica da redução de Santo Ângelo Custódio
Fonte: SILVEIRA, 1979.

Figuras 2 a 4: Imagens do monitoramento arqueológico durante as obras de remodelação da Praça Pinheiro Machado (convênio PMSA-URI, 2006/2007): descoberta de vestígios da igreja da redução jesuítica de Santo Ângelo Custódio (séc. XVIII) no entorno da Catedral Angelopolitana
Fonte: RECH, 2007.

O principal resultado deste programa anterior foi a criação do *Museu a Céu aberto da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio*, evidenciando a existência de três igrejas construídas em diferentes épocas no mesmo local: a Igreja Jesuítica (séc. XVIII); a Igreja Matriz da época do repovoamento (séc. XIX) e a Catedral Angelopolitana (séc. XX). O Museu a Céu Aberto foi concebido e planejado ainda à época do convênio PMSA-URI, porém concluído de forma paulatina nos anos subsequentes, ficando à cargo da equipe do NArq/MMJOM sua conclusão[9] e manutenção.[10]

[9] A implantação do Museu a Céu Aberto se deu parcialmente através das seguintes etapas realizadas paulatinamente através de processos licitatórios com recursos oriundos do Ministério do Turismo do Brasil, bem como dotação própria da Prefeitura Municipal de Santo Ângelo: 1) identificação das áreas mais expressivas para exposição dos vestígios no decorrer das escavações na área (junho de 2006 a junho de 2007); 2) erguimento das muretas de proteção dos vestígios escavados e selecionados para exposição in situ (anos de 2006 e 2007); 3) instalação de coberturas provisórias com lonas e tapumes (anos de 2006 a 2009); 4) implantação de painéis e placas explicativas junto às "janelas arqueológicas" (abril de 2009); 5) implantação das telas de ventilação e cobertura de vidros das "janelas arqueológicas" (setembro de 2009 a novembro de 2009); 6) colocação de grade de proteção na boca do poço d´água escavado na área (janeiro de 2010); 7) é formalizado através da Lei nº 3.695, de 12 de abril de 2013, que institui o "Museu a Céu Aberto da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio".

[10] Devido ao fato de o órgão ambiental municipal não ter permitido a utilização de herbicida natural para evitar o crescimento de gramíneas dentro das unidades expositivas das "janelas arqueológicas" do Museu a Céu Aberto, são necessárias manutenções periódicas de poda interna, além de limpeza externa dos vidros com periodicidade ideal semanal.



Figuras 5 e 6: Placas explicativas do Museu a Céu Aberto: esquema gráfico elaborado por RECH, WOLSKI, e FOLLETO representando a sobreposição das três igrejas construídas no mesmo local (sécs. XVIII, XIX e XX) na área do Centro Histórico de Santo Ângelo; e imagens das 3 igrejas no mesmo local
Fonte: RECH, 2007 e 2010.

O conceito de Museu a Céu Aberto inclui o conjunto das estruturas arqueológicas identificados durante uma pesquisa para exposição dos vestígios expostos. A concepção do museu a céu aberto de Santo Ângelo foi baseada em modelos e referências de outros sítios arqueológicos escavados ou visitados pela arqueóloga responsável no Brasil, Itália e Israel. As informações pertinentes à implantação deste tipo de museu em Santo Ângelo foram devidamente comunicadas à 12ª SR/IPHAN-RS através da entrega de relatórios de pesquisa. No Brasil algumas iniciativas desse tipo começam a ganhar força, como as escavações de 2002 no pátio do Museu Histórico de Santa Catarina, em Florianópolis; ou a Praça Tiradentes, em Curitiba em 2008; ou o Museu a Céu Aberto inaugurado em 2009, em Recife. Assim, o *Museu a Céu aberto da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio* vem a seguir esta tendência expositiva.

Figura 7

Figuras 7 a 9: Detalhes das "janelas arqueológicas" evidenciando partes dos alicerces da antiga igreja jesuítica e os painéis explicativos do Museu a Céu Aberto. Fonte: Banco de Imagens do NArq/ MMJOM.

4. Monitoramento arqueológico na área do Centro Histórico de Santo Ângelo

Um dos papéis do NArq/MMJOM configurou-se em oferecer para os proprietários de lotes urbanos na área do Centro Histórico de Santo Ângelo pesquisas arqueológicas subsidiadas pela Prefeitura, desonerando, assim, os mesmos de arcarem com os custos elevados que as pesquisas arqueológicas podem acarretar nos processos de licenciamento ambiental para construção de novas edificações, ou obras de restauro ou reformas em edificações já existentes nesta área que abriga em seu subsolo as ruínas da antiga redução jesuítica de Santo Ângelo Custódio.[11]

Assim, fica a cargo da equipe do NArq/MMJOM a execução do *Programa de Vistoria, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico de Obras no Centro Histórico de Santo Ângelo, Área do Sítio Arqueológico da Antiga Redução de Santo Ângelo Custódio* (RECH, 2008 e 2010).[12]

---

[11] Acompanhados e licenciados pelos Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Estadual (IPHAN e IPHAE).

[12] Este programa foi elaborado de forma a atender às leis federias (Lei nº 3924/1961 e Portarias nº 07/1988 e 230/2002) que dispõem sobre o patrimônio e a obrigatoriedade das pesquisas em locais onde ocorrem intervenções em sítios arqueológicos, bem como visando atender de forma contínua a leis municipais específicas (Leis nº 1658/1993 e nº 2299/1993) que dispõem sobre a necessidade de vistorias arqueológicas na área do Centro Histórico de Santo Ângelo, que abriga em seu subsolo as ruínas da antiga redução jesuítica de Santo Ângelo Custódio. Este programa é autorizado pelo Processo IPHAN nº 01512.000428/2008-19, através da publicação no D.O.U. da Portaria IPHAN/MinC nº 35/2008 e renovado por portarias anuais.

Assim, a área específica que compreende todo o perímetro do Centro Histórico de Santo Ângelo o qual já sofreu ação antrópica considerável como supressão ou comprometimento significativo de vestígios ainda existentes em subsolo da antiga redução jesuítica – visto que todos os remanescentes acima da superfície já foram retirados quando do processo de urbanização ocorrido pelo repovoamento do local nos últimos dois séculos – ficando a cargo do presente Programa de pesquisa arqueológica a identificação de remanescentes arqueológicos em subsolo tanto do período reducional (séc. XVIII) quanto do período do repovoamento (sécs. XIX/XX).

Os vestígios identificados através das pesquisas arqueológicas nos lotes urbanos do Centro Histórico predominam ser do contexto cultural missioneiro (séc. XVIII) e do repovoamento (sécs. XIX/XX) que deu origem à moderna cidade de Santo Ângelo.

Fig. 10 - Área do Centro Histórico / Sítio Arqueológico de Santo Ângelo Custódio.

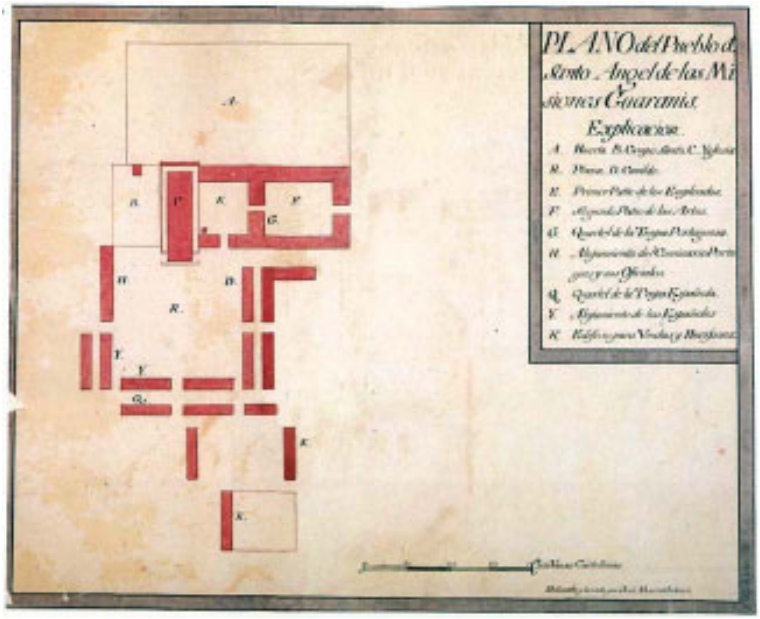


Figura 11 - Plano del Pueblo de Santo Angel de las Misiones Guaranis (CABRER, 1784).
Fonte: Arquivo Histórico do Itamaraty, Rio de Janeiro

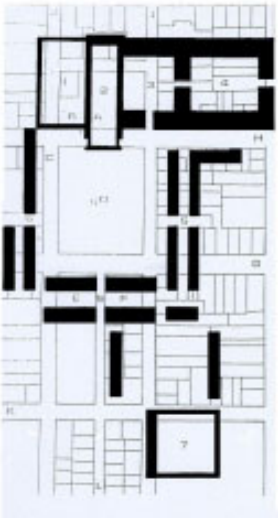


Figura 12 - Esquema de sobreposição do traçado urbano da atual cidade de Santo Ângelo com o plano da antiga redução de Santo Angel.
Fonte: SCARAMELLA (1990).

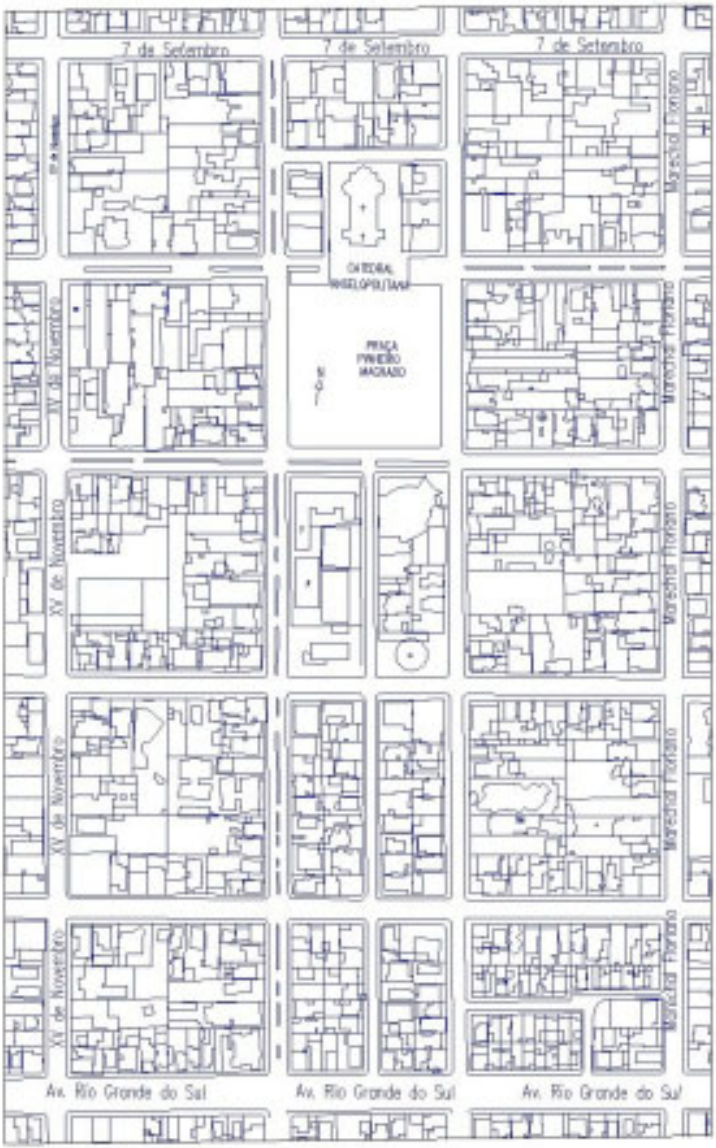


Figura 13 - Planta aerofotogramétrica da área do Centro Histórico de Santo Ângelo (Escala 1:10.000).
Fonte: Secretaria de Obras/PMSA. Destaque em vermelho nos lotes inspecionados.

Figura 14 - Imagens de inspeções arqueológicas realizadas em lotes urbanos da área do Centro Histórico de Santo Ângelo
Fonte: Banco de Imagens do NArq/MMJOM.

5. Análises laboratoriais dos vestígios encontrados

As amostragens de material arqueológico coletadas durante as pesquisas de campo nos lotes inspecionados são salvaguardados no NArq/MMJOM permitindo o resgate de valioso patrimônio cultural que se encontra em subsuperfície

e após suas análises preliminares laboratoriais e de curadoria os mesmos ficam disponíveis para demais pesquisadores, bem como para exposições[13] e atividades de educação patrimonial.

Os vestígios identificados através das pesquisas arqueológicas nos lotes urbanos do Centro Histórico predominam ser do contexto cultural missioneiro do séc. XVIII (boleadeiras, cerâmica construtiva e utilitária, artefatos em ferro, etc,) bem como da época do repovoamento ocorrido nos sécs. XIX/XX que deu origem à moderna cidade de Santo Ângelo (faiança, porcelana, vidro, etc).

Com relação às atividades preliminares de laboratório referentes ao presente Programa de pesquisas arqueológicas para o material oriundo de cada lote urbano do Centro Histórico de Santo Ângelo, estes são lavados, selecionados, numerados, catalogados e acondicionados na reserva técnica do museu e utilizados em atividades de educação patrimonial ou exposições.

Figuras 15 e 16 - Análise técnico-tipológica da cerâmica utilitária jesuítico guarani.

[13] A equipe do NArq/MMJOM realiza exposições permanente e temporárias com diferentes temáticas sobre os vestígios encontrados pelas atividades de prospecção/resgate/monitoramento arqueológico na área do Centro Histórico de Santo Ângelo no Salão de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado.

Figura 17 - cerâmica utilitária missioneira do século XVIII.

Figura 18 - louça utilizada pelos repovoadores do século XIX: porcelana e faiança fina.

6. Ações educativas e de extensão à comunidade

A legislação arqueológica exige por lei a extensão das pesquisas de grande porte através de atividades de educação patrimonial (Portaria IPHAN nº 230/2002). Assim, particularidades da história local e da região são abordadas, tais como: quais os diferentes agentes históricos que ocuparam a mesma região em espaços diferentes de tempo (no caso deste Programa, uma explanação sobre como fora a presença do homem pré-histórico na região, a ocupação de seu território enquanto missão jesuítica do Segundo Ciclo das Missões a posterior presença de imigrantes e a implantação da cidade até os tempos atuais); quais os vestígios que podemos encontrar sobre essas diferentes ocupações humanas na área do Centro Histórico, etc.

Desta forma, a equipe do NArq/MMJOM fica incumbida da realização das seguintes atividades, cujo objetivo final é a disseminação do conhecimento das pesquisas arqueológicas, bem como particularidades das questões patrimoniais e culturais que abrange a comunidade local:

- Colocação de placas explicativas em frente aos lotes escavados que surtiram descobertas relevantes;

- Oficinas de arqueologia realizadas com as turmas dos 5os Anos da rede pública de ensino de Santo Ângelo – em cuja grade curricular leciona-se sobre as Missões Jesuíticas – no âmbito do projeto de educação patrimo-

nial desenvolvido pelo NArq/MMJOM ***Jornadas de Arqueologia Missioneira***; (RECH; FARIAS, 2012)[14]

• Alimentação da exposição permanente de arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado com exemplares selecionados coletados durante as pesquisas do Programa;

Figuras 19 a 21 - Atividades do projeto de educação patrimonial "Jornadas de Arqueologia Missioneira": visitação às "janelas arqueológicas" do Museu a Céu Aberto; intervenções cênicas de personagens históricos; e oficinas de arqueologia.

[14]Desenvolvido pelo NArq/MMJOM, compreende a) palestras audiovisuais; b) visita às "janelas arqueológicas" expondo áreas escavadas no Museu à Céu Aberto no entorno da Catedral Angelopolitana; c) viagem imaginária à antiga Plaza Mayor da redução de San Angel Custódio com intervenções cênicas de personagens históricos; d) audição de música barroca (composições de Domenico Zipolli); e) degustação de lanches temáticos; f) escavações arqueológicas simuladas; g) cartilha pós-oficina; e h) emissão de certificados de arqueólogos-mirins. Este projeto conta com a parceria das Secretarias Municipais de Turismo, Educação e Cultura e da 14ª CRE, além do apoio cultural da Viação Tiaraju e da Loja Flecha Mágica. Em vigência contínua desde 2009 (RECH, 2009), foi um dos agraciados pelo Prêmio Darcy Ribeiro 2010, reconhecido como figurando dentre as melhores ações educativas de museus brasileiros (cf. Edital nº 9, de 18/10/10, publicado no D.O.U.).

7. Reconhecimento das atividades desenvolvidas pelo NArq/MMJOM

Em setembro de 2014 ocorreu a reinauguração das instalações do Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado, a estrutura anexa ao museu, passou por uma ampla readequação com recursos provenientes de um Termo de Destinação de Valores com Encargos firmado entre a Procuradoria da República no Município de Santo Ângelo e a Prefeitura Municipal, assinado em setembro de 2013 entre o Procurador Osmar Veronese e o Prefeito Valdir Andres.[15] O repasse permitiu a realização da reforma do espaço físico bem como a aquisição de mobiliário e equipamentos para as pesquisas desenvolvidas pelo NArq.

Este reconhecimento a um dos poucos núcleos de arqueologia municipais que existe no Brasil veio a melhorar a estrutura interna do NArq bem como colaborar com as atividades de pesquisa e extensão social à comunidade no estudo do passado de Santo Ângelo para a comunidade em geral.

Além de seguir com os estudos e pesquisas sobre o passado de Santo Ângelo, o NArq/MMJOM também foi inserido no mês de agosto de 2014 dentre as instituições que acompanhará os trabalhos do projeto de valorização do Parque Histórico Nacional das Missões, desenvolvido pelo IPHAN, ampliando o mapeamento do patrimônio material e imaterial de todos os 27 municípios que abrangem a região das Missões.

[15] O aporte financeiro destinado pela PRM ao município é oriundo de um Compromisso de Ajustamento de Conduta firmado entre o Ministério Público Federal e a Concessionária Brasil Telecom.

8. Referências Bibliográficas

CARLE, C. B. **Relatório de Levantamento, Salvamento e Monitoramento: Arqueologia e Valorização Patrimonial em Santo Ângelo Custódio**. Cruz Alta: NArq/UNICRUZ, 2006.

Inventário Parcial de Bens Culturais Imóveis do Município de Santo Ângelo. Equipe Multidisciplinar. CD-ROM, Santo Ângelo: PMSA, 2012.

Inventário do Patrimônio Cultural de Bens Imóveis do Município de Santo Ângelo. Equipe Multidisciplinar, Santo Ângelo: PMSA (no prelo).

HORTA, M. L. P. *et all.* **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Brasília: IPHAN, Museu Imperial de Petrópolis, 1999.

KERN, A. Arqueologia Histórica Missioneira. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

NAGEL, L. M. **A História de San Angel Custódio – Redução de Fronteira – no Contexto dos Trinta Povos Guarani-Jesuíticos da Região Platina**. Porto Alegre: PUCRS, 1994 (Dissertação de Mestrado).

PORTO, A. **História das missões orientais do Uruguai**. Vol. III. Porto Alegre: Selbach, 1954.

RECH, R. M.; FARIAS, C. M. M. "O Projeto de Educação Patrimonial Jornadas de Arqueologia Missioneira". In: IBRAM. **Educação Museal: experiências e narrativas: Prêmio Darcy Ribeiro 2010**. 1a. ed. Brasília: IBRAM, 2012, v. 1, pp. 100-107.

RECH, R. M. **Programa de Acompanhamento e Monitoramento Arqueológico das Obras de Modificações na**

Praça Pinheiro Machado, Sítio Arqueológico da Antiga Redução de Santo Ângelo Custódio. Santo Ângelo (Convênio Técnico-Científico PMSA-URI), maio de 2006.

_____. **Relatório Final do Programa de Acompanhamento e Monitoramento Arqueológico das Obras de Modificações na Praça Pinheiro Machado, Sítio Arqueológico da Antiga Redução de Santo Ângelo Custódio**. Santo Ângelo: PMSA e URI, 2007a.

_____. "O Programa de Acompanhamento e Monitoramento Arqueológico das Obras de Modificações da Praça Pinheiro Machado, Sítio Arqueológico da Antiga Redução de Santo Ângelo Custódio". In: **Anais do I Congresso Internacional da SAB/XIV Congresso da SAB/III Encontro do IPHAN e Arqueólogos**. Florianópolis: UFSC, 2007b (CD Room).

_____. **Programa de Vistoria, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico de Obras no Centro Histórico de Santo Ângelo, Área do Sítio Arqueológico da Antiga Redução de Santo Ângelo Custódio**. Santo Ângelo: NArq/MMJOM, junho de 2008.

_____. "História Missioneira - Entrevista Dra. Raquel Rech". In: **Revista Armazém da Cultura**, Vol. 1 Nº 1, julho de 2008b. São Borja: Editora Conceito, pp. 5-8.

_____. "Investigação Geofísica com Georadar nas pesquisas arqueológicas da redução jesuítica de Santo Ângelo Custódio (RS, Brazil)". In: **Anais das XII Jornadas Internacionales Sobre Misiones Jesuíticas**. Buenos Aires, 2008c (CD Room).

_____. "Arqueologia no Centro Histórico de Santo Ângelo-RS". In: **Anais do VI Encontro da SAB SUL**. Tubarão: UNISUL, 2008d (CD Room).

_____. **Projeto de Educação Patrimonial "Jornadas de Arqueologia Missioneira"**. Santo Ângelo: NArq/ MMJOM, Abril de 2009.

_____. "Janelas Arqueológicas" do Centro Histórico de Santo Ângelo Custódio: uma forma de visualizar o passado". In: **Anais das XIII Jornadas Internacionais Sobre Missões Jesuíticas**. Dourados: UFGD, 2010a (CD Room).

_____. "Arqueologia Urbana no Centro Histórico de Santo Ângelo: a identificação da redução de Santo Ângelo Custódio" In: **Revista Eletrônica do XII Simpósio Internacional IHU: a Experiência Missioneira**. São Leopoldo: UNISINOS, 2010b (CD Room), também disponível em http://www.ihu.unisinos.br/livros/experiencia-missioneira.zip).

_____. "Lei Municipal exige vistoria arqueológica em terrenos localizados na área do Centro Histórico". In: **SENASA em Revista**, Ano III - Dezembro de 2010c. Santo Ângelo: Sociedade dos Engenheiros e Arquitetos de Santo Ângelo, pg. 8.

_____. **"O Desvelamento da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio à Luz do Programa de Monitoramento Arqueológico do Centro Histórico de Santo Ângelo".** In: COLVERO, R. e MAURER, R. (orgs.) **Missões em Mosaico: da interpretação à prática: um conjunto de experiências.** Porto Alegre: Editora Faith, 2011a, pp. 207-220.

_____. "Janelas Arqueológicas": uma forma de visualizar o passado da redução jesuítica de Santo Ângelo Custódio". In: BARCELOS, A., PARELLADA, C. e CAMPOS, J. (Orgs.) **Arqueologia no Sul do Brasil**. Criciúma: Editora UNESC, 2012, pp. 67-84.

_____. **Programa de Vistoria, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico de Obras no Centro Histórico de Santo Ângelo, Área do Sítio Arqueológico da Antiga Redução de Santo Ângelo Custódio**. Santo Ângelo: NArq/MMJOM, setembro de 2014 (reapresentação e atualização para renovação de licença pelo IPHAN).

RECH, R. M., WOLSKI, M. S., E FOLETTO, L. H. "Uso de Geotecnologias para a Espacialização do Sítio Arqueológico da Antiga Redução de San Angel Custodio (RS)". In: **Livro de Resumos do XII Seminário Institucional de Iniciação Científica - XI Seminário de Integração Pesquisa e Pós Graduação – V Seminário de Extensão URI/Campus Santo Ângelo**. Santo Ângelo: URI, 2007.

SCARAMELLA, G. "Onde está a Redução Jesuítica Missioneira?" In: **Jornal das Missões**, p. 03, 15 de dezembro de 1990.

_____. **Pesquisas Arqueológicas em Assentamentos Pré-Históricos e Históricos (Reduções Jesuíticas) na Região do Médio Curso dos Rios Ijuí e Piratini, RS - Brasil**. Santo Ângelo, NArq /CCM-URI, 1993.

STRIEDER, A. **Levantamento Geofísico por Georradar de Possíveis Estruturas Arqueológicas Enterradas na Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio no Centro da Cidade de Santo Ângelo (RS)**. Porto Alegre, Laboratório de Modelagem Geológica e Ambiental - MODELAGE/ UFRGS, 2006.

Capítulo 4

Estudo sobre a trajetória do Museu das Missões IBRAM/MinC

Diego Luiz Vivian

Capítulo 4

Estudo sobre a trajetória do Museu das Missões IBRAM/MinC

Diego Luiz Vivian[1]

1. Introdução

O Museu das Missões IBRAM/MinC, localizado na região noroeste do estado Rio Grande do Sul, em São Miguel das Missões, foi criado por ato do presidente Getulio Vargas através do Decreto-Lei nº 2077, de 08 de março de 1940, com a finalidade principal de "reunir e conservar as obras de arte ou de valor histórico relacionadas com os Sete Povos das Missões Orientais, fundados pela Companhia de Jesus naquela região do país."[2]

[1] Diego Luiz Vivian é Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Lecionou na rede pública de ensino de São Leopoldo/RS e trabalhou em museus universitários, como o Museu Histórico da FURG, em Rio Grande/RS. Passou a realizar, a partir do ano de 2010, atividades como servidor público federal de provimento efetivo do quadro de pessoal do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Na condição de técnico responsável pelo Setor de Pesquisa Histórica e Arquivo do Museu das Missões IBRAM/MinC desenvolveu estudos e colaborou com projetos de preservação e promoção do patrimônio cultural. Atualmente desempenha atividades como Chefe de Serviço do Museu das Missões, assim como coordena o GT Museus e Comunidades no âmbito do Programa Nacional de Educação Museal (PNEM).

[2] Decreto-lei nº 2.077, de 08 de março de 1940.

O decreto presidencial, assinado pela autoridade máxima do Estado Novo (1937-1945), assim como pelo então Ministro da Educação e Saúde, Sr. Gustavo Capanema, pode ser considerado como a "certidão de nascimento" do Museu das Missões.

Em vista dessa iniciativa do governo federal o museu hoje é reconhecido como o primeiro do mundo dedicado especialmente ao tema "Missões", pois somente anos mais tarde foram criadas instituições museológicas semelhantes na Argentina e no Paraguai. Do ponto de vista da sua história institucional, também ganha relevo o fato de ser o primeiro museu edificado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), hoje denominado Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN),[3] se tornando uma instituição de referência para a dinamização de outros processos museológicos nessa porção do território sul-rio-grandense.

Ao mesmo tempo, cabe mencionar que originalmente o projeto de criação do Museu das Missões começou a ser formulado ainda no ano de 1937, tendo por base os trabalhos realizados pelo arquiteto Lucio Costa, a pedido do diretor do

[3] O IPHAN, como hoje é conhecido, passou por diversas transformações e denominações ao longo de sua existência. Conforme José Pessôa (2004), o IPHAN já possui as seguintes denominações no decorrer dos anos: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ SPHAN (1937-1946); Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ DPHAN (1946-1970); Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ IPHAN (1970-1979); Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ SPHAN (1979-1990); Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural/ IBPC (1990-1994); e novamente passou a se chamar de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ IPHAN, desde 1994.

SPHAN, sobre os "Sete Povos das Missões Orientais". É sobre a atuação do arquiteto na região missioneira que o texto tratará logo em seguida, buscando esmiuçar alguns aspectos da constituição do Museu das Missões.

2. Viagem de inspeção de Lucio Costa no ano de 1937 e o surgimento do Museu das Missões no ano de 1940

A decisão do governo federal de organizar o Museu das Missões ocorreu pouco mais de dois anos após o arquiteto Lucio Costa apresentar ao diretor do SPHAN um relatório detalhado acerca da viagem de inspeção que realizou à região das Missões, a pedido do próprio órgão. Além de Lucio Costa, participaram das atividades de estudo e documentação dos remanescentes dos Sete Povos a esposa do arquiteto, Srª Julieta, o escritor e Assistente Técnico do SPHAN, Augusto Meyer, o membro do Gabinete de Resistência dos Materiais, da Escola de Engenharia de Porto Alegre, Engº Altamiro Cardoso e o fotógrafo Edino Pacheco[4].

Abaixo uma fotografia realizada durante a referida a expedição aos remanescentes dos povoados missionais, no ano de 1937. Ao fundo da imagem é possível observar parte da fachada e da torre do antigo templo de São Miguel.

[21] Relatório apresentado por Lucio Costa, em 20 de dezembro de 1937, ao Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade. [Arquivo Central do IPHAN – Seção RJ. IPHAN/Série Inventário/Museu, caixa 745, pasta 2811.]

Figura 1: Fotografia com Lucio Costa (centro) e sua esposa, acompanhados do escritor Augusto Meyer durante a viagem realizada no ano de 1937 na região missioneira.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN- Seção RJ.

Ressalta-se que o relatório técnico produzido por Lucio Costa, qualificado como "memorável" pelo diretor do SPHAN, Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, resultou de um dos primeiros trabalhos realizados pelo arquiteto para o órgão federal de proteção ao patrimônio histórico e artístico nacional.[5] De acordo com especialistas no tema, o relatório

[5] Ver: ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Museus regionais no Brasil: uma experiência. In: **Rodrigo e o SPHAN**. RJ: Ministério da Cultura-Fundação Nacional Pró-Memória, 1987. P. 159-162.

gerado pelo arquiteto após a visita às Missões, devido a seu valor programático, foi decisivo para subsidiar as políticas de preservação do recém-criado órgão (SPHAN), estimulando a organização de outros museus fora dos grandes centros urbanos do país, chamando a atenção para expressões culturais regionais que, por diferentes razões, não integrariam o eixo das exposições dos chamados "museus nacionais". Nessas condições, foi possível que houvesse - além da concretização do projeto seminal de Lucio Costa para o Museu das Missões - a organização de outras importantes instituições museológicas pelo SPHAN, como o Museu da Inconfidência, inaugurado em 1944, e o Museu do Ouro, aberto ao público em 1946, ambos localizados no estado de Minas Gerais.[6]

A seguir será apresentada uma pequena parte da documentação que compôs o relatório produzido por Lucio Costa, tendo como base a vistoria realizada pelo arquiteto sobre os assentamentos dos povoados missioneiros. Vale notar que Lucio Costa visitou pessoalmente todos os "Sete Povos", com exceção dos remanescentes localizados no atual município de São Borja, cujas estradas de acesso, no final do ano de 1937, haviam ficado instransponíveis devido às fortes chuvas.

Abaixo segue a reprodução de um mapa com o roteiro da vistoria e a localização dos povoados missionais existentes entre os séculos XVII e XVIII, com destaque (em verde) para os chamados "Sete Povos das Missões", no atual território do estado do Rio Grande do Sul.

[6] Ver: BARROS, Clara Emília Monteiro. Lygia Martins Costa: de museologia, arte e política de patrimônio. RJ: IPHAN, 2002. p. 78-81. Ver também: MUSEU DAS MISSÕES. Plano Museológico (2012/2015). São Miguel das Missões, 2011.

Figura 2: Região dos chamados Sete Povos das Missões.
Fonte: Arquivo do Museu das Missões

3. Relatório de Lucio Costa (1937) e vestígios materiais dos povoados missionais

Para que se tenha uma ideia mais próxima do minucioso trabalho executado por Lucio Costa e sua equipe, serão reproduzidos ao decorrer do texto alguns documentos que compuseram o relatório gerado durante a expedição aos remanescentes dos povoados missionais. O leitor também po-

derá observar, mais adiante, fotografias do período da construção do Museu das Missões, em São Miguel das Missões, então distrito do município de Santo Ângelo.

Primeiramente, cabe destacar o levantamento realizado por Lucio Costa em São Nicolau acerca de uma casa construída com o emprego de material das ruínas. Sabe-se que essa edificação não resistiu ao tempo, mas felizmente o registro deixado pelo arquiteto permite vislumbrar técnicas construtivas baseadas no aproveitamento de blocos de rochas e outros elementos que já haviam sido utilizadas em estruturas do povoado ali existente entre os séculos XVII e XVIII.

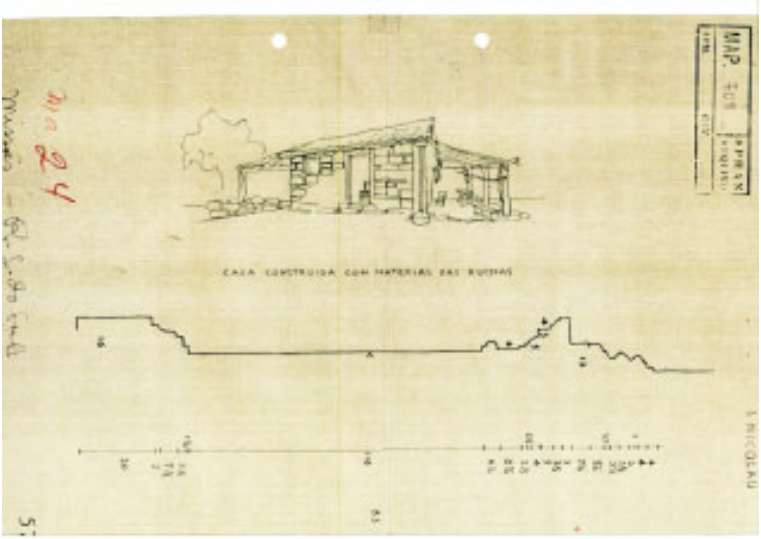


Figura 3: Casa construída com material das ruínas em São Nicolau.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN- Seção RJ.

Durante a vistoria sobre os remanescentes do povoado de São Lourenço chamaram a atenção do arquiteto alguns fragmentos arquitetônicos e bens móveis, a exemplo de uma pia que passou a integrar o conjunto de peças que se encontram em exposição, atualmente, no alpendre do Pavilhão Lucio Costa (Museu das Missões), juntamente com consolos de madeira, sino de bronze, escultura em arenito, entre outros itens. Além disso, com base na análise dos vestígios materiais do povoado de São Lourenço, o arquiteto documentou outras peças em arenito (pedra grés), conforme a figura abaixo.

Figura 4: Peças encontradas na antiga redução de São Lourenço. Fonte: Arquivo Central do IPHAN- Seção RJ.

Sobre o sítio de São João Batista o arquiteto relatou que as "(...) ruínas, a meio caminho, entre Santo Ângelo e São Miguel, ficam um pouco afastas da estrada e cobertas de mato, tendo, por isto, passado despercebidas aos que visitam aquele monumento."[7] Durante o levantamento do lugar registrou a existência de uma série de objetos e peças em arenito, com destaque para um relógio solar, conforme reprodução abaixo. Esse relógio, utilizado pelos missionários jesuítas e pelos Guarani durante os séculos XVII e XVIII, também se encontra em exposição no entorno do Museu das Missões.

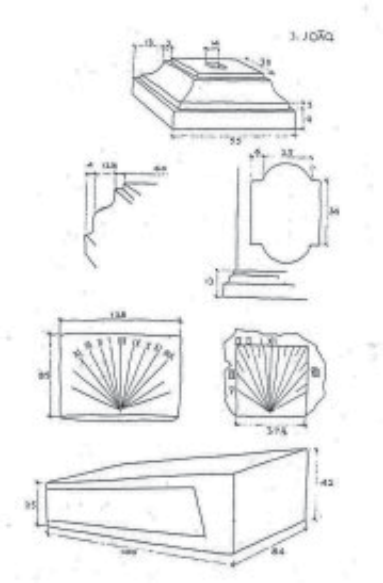


Figura 5: Peças em arenito localizadas em São João Batista, atual município de Entre-Ijuis.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN- Seção RJ.

[7] Relatório apresentado por Lucio Costa, em 20 de dezembro de 1937, ao Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade. [Arquivo Central do IPHAN – Seção RJ. IPHAN/Série Inventário/Museu, caixa 745, pasta 2811.]. Ver também: PESSÔA, José (org.). Lucio Costa: documentos de trabalho. IPHAN/MinC: Rio de Janeiro, 2004.

Na excursão realizada ao assentamento de São Luiz Gonzaga, Lucio Costa também efetivou o levantamento de elementos arquitetônicos pertencentes ao povoado missional. Destacou entre os remanescentes a existência de consolos de madeira originais utilizados em um antigo colégio de São Luiz, o qual foi mandado demolir por um dos ex-prefeitos da localidade, Sr. Marcelino Krieger.

Esse material localizado por Lucio Costa (consolo de madeira) se tornou importante para a idealização da própria edificação do Museu das Missões, especialmente no que tange à estrutura de apoio do telhado. Assim, pouco tempo depois da viagem de inspeção e da realização dos respectivos desenhos, os consolos de madeira encontrados em São Luiz Gonzaga foram transportados para o distrito de São Miguel e serviram de modelo para a execução de réplicas que foram utilizadas exatamente no alpendre do Museu das Missões. Até hoje os referidos consolos originais se encontram expostos ao público.

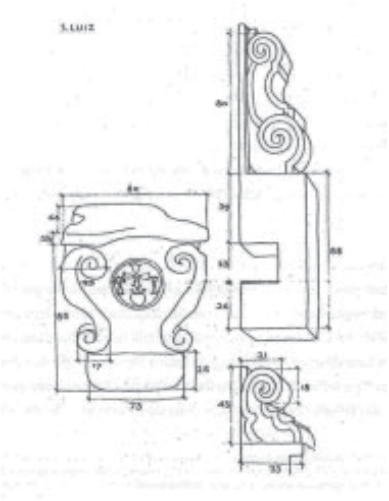


Figura 6: Desenhos do consolo de madeira por Lucio Costa. Fonte: Arquivo Central do IPHAN-Seção RJ.

Para melhor ilustrar essa narrativa sobre os remanescentes dos povoados missionais e a criação do Museu das Missões, abaixo segue uma fotografia de operários e artífices, coordenados pelo arquiteto Lucas Mayerhofer, trabalhando em São Miguel durante a confecção dos consolos de madeira que até hoje podem ser observados na estrutura de apoio do telhado do Pavilhão Lucio Costa, denominação utilizada para se referir ao espaço expositivo principal do museu.

Figura 7: Operários executando consolos de madeira para a construção do Museu das Missões (1939-40).
Fonte: Arquivo Central do IPHAN – Seção RJ.

Através das fotografias reproduzidas logo em seguida também é possível visualizar os consolos de madeira instalados acima das colunas de pedra que dão sustentação ao telhado do Museu das Missões.

Figura 8: Construção do Museu das Missões e da Casa do Zelador (1939-40).
Fonte: Arquivo Central do IPHAN – Seção RJ.

Figura 9: Colocação das telhas no Museu das Missões (1939-40).
Fonte: Arquivo Central do IPHAN – Seção RJ.

A fotografia abaixo é posterior ao período de inauguração do Museu das Missões, sendo possível visualizar algumas peças dispostas no alpendrado do Pavilhão Lucio Costa, como um sino de bronze e fragmentos arquitetônicos. Em segundo plano vê-se a fachada do antigo templo do povoado missional, enquadrada pelo olhar do fotógrafo a partir do alpendre do museu. A imagem também evidencia, na extremidade superior (lado esquerdo), um dos consolos de madeira executado pelos operários durante a construção do museu em São Miguel.

Figura 10: Vista do alpendre do museu e da fachada do antigo templo do povoado missional
Fonte: Arquivo Central do IPHAN – Seção RJ.

Após essa sequência de desenhos e fotografias, o leitor poderá tomar contato com outros aspectos que ajudam a explicar a criação e a trajetória do Museu das Missões, destacando-se a inspiração modernista dessa obra que hoje pode ser considerada como uma espécie de ícone da arquitetura brasileira.

4. Museu das Missões: expressão de uma arquitetura modernista

Quando Lucio Costa redigiu o seu "memorável" relatório para o SPHAN em nenhum momento ele levantou a hipótese de recolher os acervos missioneiros (esculturas, fragmentos arquitetônicos, material arqueológico) e enviá-los para compor coleções de outros museus no centro do país, como o Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. Na verdade, o programa de trabalho de Lucio Costa foi inovador e recomendou claramente que os acervos situados na região missioneira devessem permanecer em seu território de origem, concentrados em São Miguel, de modo a torná-los mais acessíveis ao público.

A sugestão de reunir o legado missioneiro no distrito santo-angelense - visando "a melhor conservação" do que ainda existia em S. Miguel e também "para dar ao visitante uma impressão tanto quanto possível aproximada do que foram as Missões" - foi explicitada assim por Lucio Costa:

> Julgo, para tanto, de toda conveniência a concentração em São Miguel, não apenas dos elementos que lhe pertençam e estão espalhados um pouco por toda a parte, mas, ainda, dos das demais missões, constituindo-se com eles um **pequeno museu** no local mes-

> mo das ruínas. Não só por ficarem aí mais acessíveis, mas por serem os vestígios de São Miguel capital dos Sete Povos os únicos que ainda apresentam interesse como conjunto arquitetônico e também porque, assim reunidas, as peças ganharão outro sentido, porquanto, limpo o terreno e postos em valor os traços já tão apagados dos panos de paredes, sequência de bases ou simples contornos de fundações do colégio, das oficinas, da quinta e das casas (células, diríamos melhor, pois que a soma de um certo número delas formava verdadeiros blocos de habitação coletiva, à maneira dos modernos apartamentos), a impressão que nos dará S. Miguel, com a velha igreja articulada de novo aos restos daquilo que foi simplesmente um prolongamento do seu corpo, será de muito maior significação. (PESSÔA, 2004, p. 37)

Nesse sentido, a solução proposta pelo arquiteto modernista também previu que "o **'museu'** deve ser um simples abrigo para as peças que muito lucrarão vistas assim em contato direto com os demais vestígios".

Conforme Marcos José Carrilho, dessa afirmação do arquiteto modernista derivam os dois parâmetros iniciais que conduziram à elaboração de seu projeto para o Museu das Missões, a saber: em primeiro lugar, se destaca a concepção do museu como um **simples abrigo**, isto é, como edificação destinada a criar condições para a exposição das obras, protegendo esses bens da ação corrosiva do tempo, contudo, sem destacar essa nova instalação como se fosse um elemento à parte, estranho ao contexto em que havia de ser inserido. Em segundo lugar, "trata-se de expor as peças no ambiente territorial que lhes deu origem", diferentemente do costume que predominava na época, o qual possivelmente teria destinado todo o acervo missioneiro para "algum museu nacional consagrado", como comentado anteriormente. Com isso, o arquiteto modernista deu provas de que "percebeu a importân-

cia de relacionar as obras de arte com o local em que foram produzidas, de forma a permitir ao visitante, em face da forte impressão que elas causam, reconstruir, na imaginação, o que possa ter sido a vida nesses 'povos'." (CARRILHO, 2014).

Em suma, como destacam teóricos do tema, com a máxima economia de recursos o arquiteto projetou uma instalação moderna (museu) ligada espacial e visualmente ao que restou do passado (ruínas), mostrando o que desapareceu em São Miguel sem de fato reconstruir o povoado missional existente nos séculos XVII e XVIII. Por isso pode-se dizer que o 'museu-abrigo' de Lucio Costa é o corolário de uma arquitetura que não deseja figurar como elemento à parte no sítio, mas sim intensificar a sua percepção pelo visitante. Daí sua afirmação de que o "museu", do ponto de vista arquitetônico, devesse ser tratado conjuntamente com a Casa do Zelador, ocupando exatamente um dos extremos da antiga praça da redução de São Miguel para servir de ponto de referência ao olhar visitante. Sendo assim, se pode afirmar que o passado se atualiza com a nova obra (museu), reconhecida hoje em dia como uma solução pioneira e exemplar de inserção de construção moderna em sítio histórico importante. Além disso, vale notar que a transparência das fachadas norte e sul do espaço expositivo do museu (Pavilhão Lucio Costa) permite projetar as peças expostas sobre o pano de fundo da *ruína*, induzindo o visitante a ter percepções de diferentes situações espaciais e temporais (COMAS, 2007).

A seguir o leitor terá ao seu dispor a reprodução de algumas fotografias que exemplificam o que foi argumentado até aqui a respeito do caráter modernista da obra de Lucio Costa.

Figura 11: Criado em 1940, o Museu das Missões (à direita e abaixo na foto) fica situado em frente ao antigo templo construído no século XVIII, servindo de ponto de referência aos visitantes do sítio. Fonte: Arquivo do Museu das Missões.

Figura 12: Vista do Pavilhão Lucio Costa (à direita) e da Casa do Zelador (à esquerda). O conjunto edificado do museu servindo como ponto de referência aos visitantes.
Fonte: http://museudasmissoes.blogspot.com.br/p/fotos.html.

Figura 13: Pavilhão Lucio Costa com suas três salas de exposição envidraçadas. Em segundo plano a fachada e torre do antigo templo do século XVIII.
Fonte: http://museudasmissoes.blogspot.com.br/p/fotos.html.

Figura 14: Vista parcial do Pavilhão Lucio Costa e ao fundo a fachada do antigo templo com sua torre (1941)
Fonte: Arquivo Central do IPHAN-Seção RJ.

Figura 15: Vista frontal do templo construído pelos indígenas no século XVIII, a partir de uma das salas de exposição do Pavilhão Lucio Costa. (1941)
Fonte: Arquivo Central do IPHAN-Seção RJ.

Figura 16: Vista frontal do templo durante visitação. A fotografia foi realizada de dentro de uma das salas de exposição do Pavilhão Lucio Costa.
Fonte: http://museudasmissoes.blogspot.com.br/p/fotos.html.

5. Considerações finais

O caráter inovador da obra projetada por Lucio Costa ainda hoje atrai a atenção de pesquisadores e de pessoas comuns, sendo esse um fator que também simboliza a relevância dessa instituição museológica no cenário mais amplo dos museus federais.

Mas o reconhecimento do Museu das Missões não está pautado somente no arrojo do seu do conjunto edificado (Pavilhão Lucio Costa e Casa do Zelador) ou na qualidade da intervenção arquitetônica proposta por Lucio Costa para a proteção do legado missioneiro.

De fato, há outro componente relacionado ao museu que também chama a atenção do público especializado ou não especializado. Trata-se do seu precioso acervo museológico institucional, que hoje representa uma das maiores coleções públicas de imagens missioneiras do Mercosul.

Pela expressão numérica esse acervo por si só já possui uma reconhecida singularidade, pois abriga quase uma centena de imagens em madeira policromada, de diversos tamanhos e feitios, todas produzidas no contexto dos povoados missionais existentes nos séculos XVII e XVIII. Talvez em nenhum outro lugar do mundo o observador atento terá a oportunidade de efetuar um contato tão intenso com essas peculiares manifestações da arte indígena colonial, as quais foram engendradas ao longo de quase cento e cinquenta anos de convivência entre povos nativos da América e os missionários europeus ligados à Companhia de Jesus.

Numa outra angulação, é preciso mencionar que esse acervo de imagens foi adquirido, principalmente, através das

iniciativas do Sr. João Hugo Machado, primeiro zelador da unidade, que também participou das obras de construção da unidade entre os anos 1938 a 1941, dedicando boa parte da sua vida às atividades preservacionistas, assim como seu filho, Carlos Alberto Machado, que o sucedeu no posto de zelador do Museu das Missões.

Figura 17: Peças coletadas, em sua maioria, pelo zelador João Hugo Machado, exibidas no alpendre do museu. (s/d)
Fonte: Arquivo do Museu das Missões.

Outra característica é o fato de o zelador João Hugo Machado e sua família terem habitado, por cerca de sessenta anos, a residência (Casa do Zelador) construída ao lado do espaço expositivo do museu, tal como estava previsto no projeto do arquiteto modernista Lucio Costa. Bastava abrir a porta da Casa do Zelador para que se estivesse em contato direto com o espaço expositivo do museu e com o sítio histó-

rico, estabelecendo-se, assim, constantes e estreitas relações entre os membros da família Machado e o patrimônio protegido em São Miguel.[8]

Na Casa do Zelador foi comum João Hugo Machado e sua família hospedarem engenheiros, arquitetos e outros técnicos a serviço do IPHAN na região missioneira, pois nem sempre a municipalidade foi dotada de infraestrutura para atender demandas dessa natureza. Nessas condições específicas a prática da hospitalidade se desenvolveu e a partir dos modestos recursos instalados na Casa do Zelador a família Machado por décadas pode dar guarida a muitos turistas, visitantes e pesquisadores, fornecendo-lhes, por exemplo, água potável que era retirada diretamente do poço localizado no pátio da residência.

Além disso, o zelador e seus familiares costumavam prestar informações sobre a história das Missões e sobre o acervo de imagens do museu; também comercializavam livros, souvenires e outros produtos de divulgação, como os famosos cartões postais. Muitas vezes precisavam oferecer abrigo aos visitantes do lugar devido às intempéries naturais que se fazem sentir na região missioneira. Enfim, realizavam muitas atividades surgidas dessa constante interação com as pessoas que acorriam aos remanescentes dos povoados missionais e ao Museu das Missões.

Com a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), no ano de 2009, a chamada Casa do Zelador pas-

[8] Ver: BAUER, Letícia. "*O arquiteto e o zelador: patrimônio cultural, História e Memória*", Nuevo Mundo Mundos Nuevos. [En línea], Debates, 2007, Puesto en línea el 15 mars 2007. URL: http://nuevomundo.revues.org/index3807.html.

sou a abrigar a estrutura de gestão dessa autarquia vinculada ao Ministério da Cultura (MinC), em São Miguel das Missões. Assim, no lugar da residência da família Machado foram montados os escritórios e as salas de trabalho da equipe técnica do museu.

Passados quase setenta e cinco anos depois da sua criação por Getúlio Vargas, o Museu das Missões continua sendo uma instituição cultural singular e de grande significado para a região missioneira. Além disso, o museu está entre as unidades integrantes da estrutura do IBRAM que mais recebe visitantes, superando a marca de sessenta mil visitas por ano e registrando a presença de pessoas vindas de todas as regiões do Brasil e de todos os continentes.

Com inúmeros desafios pela frente, esse museu federal também recentemente teve sua missão institucional revisada e ampliada, buscando ir além da sua função primitiva de "reunir e conservar as obras de arte ou de valor histórico relacionadas com os Sete Povos das Missões Orientais" (MUSEU, 2011). Nesse sentido, hoje em dia a unidade museológica busca pesquisar, documentar e divulgar a experiência histórica missioneira, através de um pensamento crítico sobre as relações entre patrimônio cultural, arte, história e memória, estimulando na população local e visitantes a reflexão sobre o legado cultural dos remanescentes históricos da região missioneira do Rio Grande do Sul.

6. Referências Bibliográficas

CARRILHO, Marcos José. A transparência do Museu das Missões. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.076/322. Acesso em: 02/09/2014.

COMAS, Carlos Eduardo (org.). Lucio Costa e as Missões: um museu em São Miguel. IPHAN, Porto Alegre, 2007.
MUSEU DAS MISSÕES. Plano Museológico (2012-2015). São Miguel das Missões, 2011.
PESSÔA, José (org.). Lucio Costa: documentos de trabalho. IPHAN/MinC: Rio de Janeiro, 2004, p. 37.

Integrantes OMiCult Observatório Missioneiro de Atividades Criativas e Culturais

Integrantes OMiCult

- **Fernanda Sagrilo Andres** (colaboradora)

Possui Graduação em Comunicação Social - Relações Públicas pela Universidade de Cruz Alta (2007), Especialização em Docência Universitária pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus Santiago (2011) e Mestrado em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática - Linha: Mídia e Estratégias Comunicacionais da Universidade Federal de Santa Maria (2012). Atualmente é doutoranda pelo mesmo programa e professora no curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Pampa. Integrante do Grupo de Pesquisa "Processos e Práticas em Atividades Criativas e Culturais" (Unipampa/CNPq).

- **Joel Felipe Guindani**

Professor Adjunto e coordenador do curso de Relações Públicas - Ênfase em Produção Cultural -, na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Doutor pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Estudou Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e graduou-se em Comunicação Social (Rádio e TV) pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Possui experiência profissional em Produção audiovisual e assessoria de comunicação. Integrante do Grupo de Pesquisa "Processos e Práticas em Atividades Criativas e Culturais" (Unipampa/CNPq). Pesquisa atualmente as seguintes temáticas: Comunicação e Cultura, Cidadania, Audiovisual e Movimento Sociais.

• Marcela Guimarães e Silva

Professora Adjunta na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus São Borja no curso de Relações Públicas - ênfase em produção cultural. Bacharel em Relações Públicas pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), especialista em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) mestre e doutora em Extensão Rural também pela UFSM. Fez estágio de doutorado sanduíche junto ao Laboratório de Comunicação e Conteúdos On-line (LabCom) da Universidade da Beira Interior (UBI) em Portugal, sendo bolsista CAPES/PDSE, processo nº 16214/12-9. Foi Relações Públicas da Prefeitura Municipal de Cruz Alta, professora da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ) nos cursos de Comunicação Social e Pedagogia e também do curso de Comunicação Social da UNIJUÍ. Atualmente é Delegada Regional do CONRERP 4ª Região RS/SC na Região da Fronteira Oeste do Estado do RS. Integrante do Grupo de Pesquisa "Processos e Práticas em Atividades Criativas e Culturais" (Unipampa/CNPq). Tem experiência na área de planejamento estratégico de comunicação, assessoria de relações públicas e comunicação organizacional.

• Tiago Costa Martins

Bacharel em Comunicação Social, hab. Relações Públicas, pela Universidade Federal de Santa Maria (2002). Doutor em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2014). Doutorado Sanduíche no Exterior (bolsista PDSE/CAPES) na Universidade da Beira Interior - UBI, Laboratório de Comunicação - LabCom, Covilhã, Portugal (2013). Integrante do Grupo de Pesquisa "Processos e Práticas

em Atividades Criativas e Culturais" (Unipampa/CNPq). Atualmente é professor Assistente do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Pampa - São Borja. Coordenador do projeto de pesquisa "A alocação de recursos públicos e a possibilidade de configuração de um arranjo produtivo da cultura regional" (Ministério da Cultura/CNPq). Atua nas áreas de relações públicas, cultura e desenvolvimento, com ênfase em agentes e instituições culturais, economia e política da cultura.

- **Victor da Silva Oliveira** (colaborador)

Graduado em Geografia pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) - 2010. Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) - 02/2013. Atualmente doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco. Integrante do Grupo de Pesquisa "Processos e Práticas em Atividades Criativas e Culturais" (Unipampa/CNPq). Áreas de interesse: Desenvolvimento regional, regionalização, economia regional, planejamento regional e experiências de participação social.

editora conceito
Desde 1998

www.editoraconceito.com.br

editoraconceito@yahoo.com.br

/Editora Conceito

@editoraconceito

editoraconceito